



MINISTÉRIO DA SAÚDE

# Hanseníase no Brasil

DADOS E INDICADORES SELECIONADOS

Brasília – DF  
2009

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Secretaria de Vigilância em Saúde  
Departamento de Vigilância Epidemiológica

# Hanseníase no Brasil

DADOS E INDICADORES SELECIONADOS

Brasília – DF  
2009

© 2009 Ministério da Saúde.

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens desta obra é da área técnica.

A coleção institucional do Ministério da Saúde pode ser acessada na íntegra na Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde: <http://www.saude.gov.br/bvs>

Tiragem: 1ª edição – 2009 – 1.000 exemplares

*Elaboração, distribuição e informações:*

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Secretaria de Vigilância em Saúde

Departamento de Vigilância Epidemiológica

Organização: Programa Nacional de Controle da Hanseníase

Endereço: Setor Comercial Sul, Quadra 4, Edifício Principal

Bloco A, 3º andar, CEP: 72304-000, Brasília – DF

E-mails: [svs@saude.gov.br](mailto:svs@saude.gov.br)

[hanseníase@saude.gov.br](mailto:hanseníase@saude.gov.br)

Home page: <http://www.saude.gov.br/svs>

*Coordenação:*

Maria Aparecida de Faria Grossi

Coordenadora do Programa Nacional de Controle da Hanseníase – PNCH

*Elaboração do texto:*

Equipe Técnica e Assessores do PNCH

*Colaboração:*

Técnicos do Departamento de Análise da Situação de Saúde (Dasis)

*Projeto gráfico e diagramação:*

Grifo Design

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
BRASIL	7
ACRE	9
ALAGOAS	11
AMAPÁ	13
AMAZONAS	15
BAHIA	17
CEARÁ	19
DISTRITO FEDERAL	21
ESPÍRITO SANTO	23
GOIÁS	25
MARANHÃO	27
MATO GROSSO	29
MATO GROSSO DO SUL	31
MINAS GERAIS	33
PARÁ	35
PARAÍBA	37
PARANÁ	39
PERNAMBUCO	41
PIAUÍ	43
RIO DE JANEIRO	45
RIO GRANDE DO NORTE	47
RIO GRANDE DO SUL	49
RONDÔNIA	51
RORAIMA	53
SANTA CATARINA	55
SÃO PAULO	57
SERGIPE	59
TOCANTINS	61



# APRESENTAÇÃO

**H**anseníase no Brasil: dados e indicadores epidemiológicos selecionados apresenta a detecção geral de casos novos de hanseníase de 1990 a 2008, a de menores de 15 anos a partir de 2001 e dados operacionais dos últimos oito anos no país e nas Unidades Federadas.

Com a publicação deste documento, a Coordenação Geral do Programa Nacional de Controle da Hanseníase – CGPNCH/SVS/MS oferece aos gestores das três esferas de governo e demais interessados, um conjunto de informações que pode subsidiar a análise da heterogeneidade da situação da hanseníase no país e o fortalecimento da rede integrada de atenção à saúde.

A tendência da detecção de casos novos de hanseníase é decrescente no país, mas nota-se, ainda, alta detecção nos estados das regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste, quando comparados aos estados das regiões Sul e Sudeste.

Além das diferenças epidemiológicas, as informações apresentadas permitem visualizar problemas operacionais que revelam a necessidade de maior empenho dos estados na implementação das ações estratégicas previstas no Pacto pela Vida, PAVS e PAC-Mais Saúde, para melhoria da atenção integral à pessoa com hanseníase e ou com seqüelas da doença.

O coeficiente de detecção em menores de 15 anos, prioridade da política atual de controle da hanseníase no país, por indicar focos de infecção ativos e transmissão recente, deve ser monitorado com rigor para que se possa acompanhar as taxas da doença nessa faixa etária e a meta estabelecida no PAC-Mais Saúde.

Os registros da avaliação de incapacidades, do percentual de cura e do exame de contatos mostram fragilidades que sugerem também a ocorrência de problemas na alimentação dos dados no sistema de informação. A resolução desses problemas faz-se necessária para que os indicadores reflitam com precisão a realidade da assistência.

A vigilância de contatos, facilitada pela descentralização das ações para a rede básica, precisa ser intensificada com o objetivo de identificar e tratar novos casos e interromper a cadeia de transmissão.

Nesse contexto, o controle da hanseníase no Brasil exige parcerias, grande mobilização social, vontade política dos gestores, compromisso e motivação dos técnicos e, controle social.

**Maria Aparecida de Faria Grossi**  
Coordenadora do Programa Nacional  
de Controle da Hanseníase

**Gerson de Oliveira Penna**  
Secretário de Vigilância em Saúde



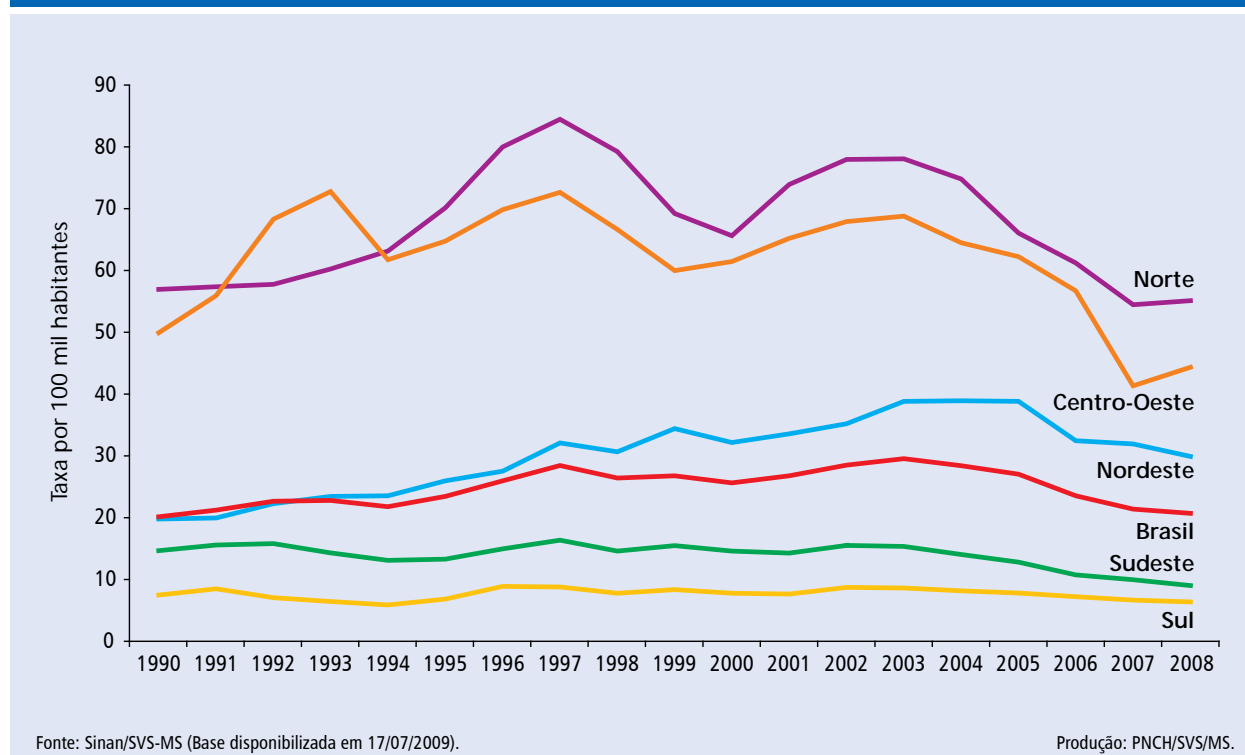




BRASIL

O Brasil, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 20,0/100.000 habitantes em 1990 e 29,4/100.000 habitantes em 2003, apresentando classificação “muito alta”, segundo parâmetros oficiais. Porém, as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste ainda mantêm taxas em patamares muito elevados (Gráfico 1).

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, POR REGIÕES – BRASIL, 1990 A 2008.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do Programa Nacional de Controle da Hanseníase – PNCH da Secretaria de Vigilância Epidemiológica/Ministério da Saúde, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase. O coeficiente de detecção do Brasil, nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “muito alta” (tabela 1). A distribuição dos casos em menores de 15 anos, em 2008, demonstra que houve notificação de crianças em 798 (14,3%) municípios do país. Vale salientar que 1173 municípios estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidas pelo estudo de *clusters* (Figura 1).



**FIGURA 1. CLUSTERS DE CASOS NOVOS DE HANSENÍASE, ORDENADOS SEGUNDO O COEFICIENTE DE DETECÇÃO NO PERÍODO DE 2005 A 2007, BRASIL.**



Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados, quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 85,2% para o período, considerado regular. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 5,6% em 2003 e 9,4% em 2007 apresentando classificação “média”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 61,4% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 54% de examinados, oscilando entre 68% em 2002 e 43,9% em 2004, mantendo-se com classificação “regular”. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 76,1%, considerado “regular”, oscilando entre 67,3% em 2004 e 85,5% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DA HANSENÍASE, BRASIL, 2001 A 2008.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coeficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coeficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	3.555	6,96	45.874	26,61	84,7	6,0	64,7	67,9	81,6
2002	3.862	7,47	49.438	28,33	84,2	5,9	63,1	68,0	75,8
2003	4.181	7,98	51.900	29,37	84,9	5,6	60,9	52,7	69,3
2004	4.075	7,68	50.565	28,24	84,8	5,8	60,4	43,9	67,3
2005	4.010	7,34	49.448	26,86	85,5	5,8	58,9	45,5	69,2
2006	3.444	6,22	43.642	23,37	86,6	5,7	60,6	49,7	85,5
2007	3.048	6,07	40.126	21,19	83,0	9,4	55,1	49,8	81,1
2008	2.910	5,88	38.992	20,56	88,2	7,7	67,8	54,3	79,4

Fonte: Sinan/SVS-MS.

Dados disponibilizados em 17/07/2009.

#### PARÂMETROS

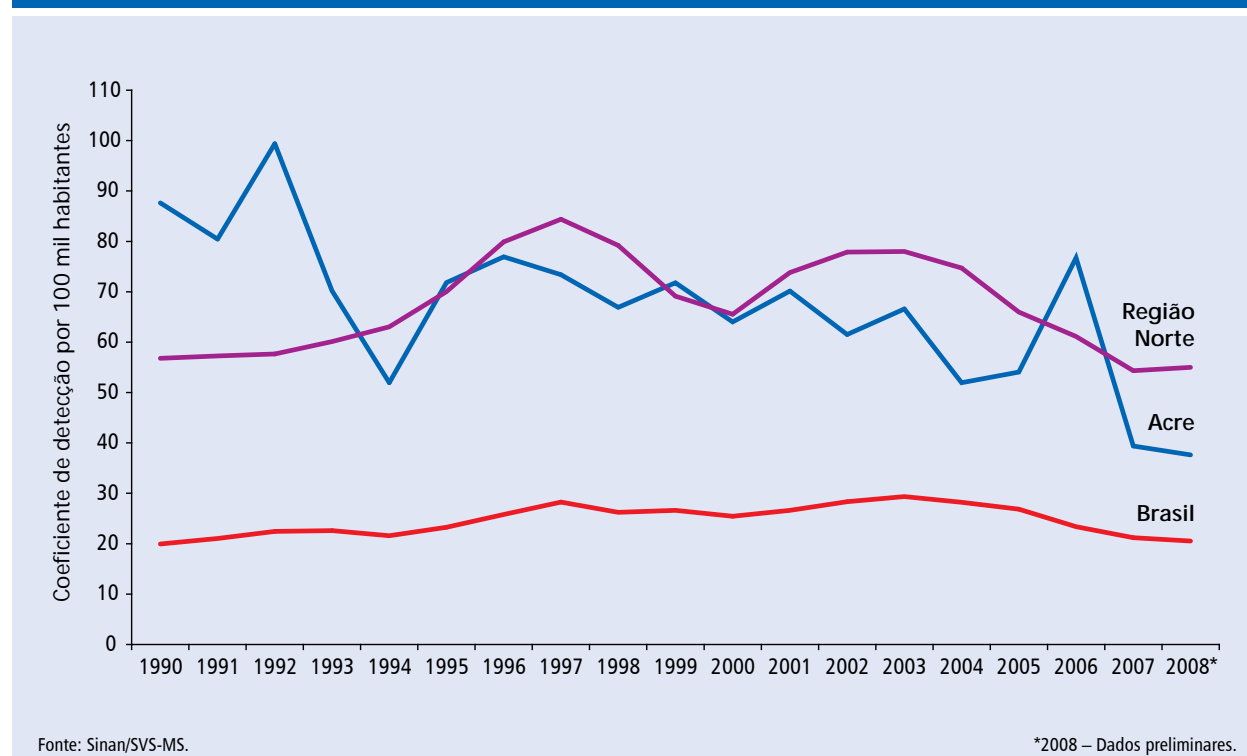
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> ≥ 10,00/100.000 hab.	<b>Hiperendêmico:</b> ≥ 40,00/100.000 hab.	<b>Bom:</b> ≥ 90,0%	<b>Alto:</b> ≥ 10,0%	<b>Bom:</b> ≥ 75,0%	<b>Bom:</b> ≥ 90,0%
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> < 75,0	<b>Baixo:</b> < 5,0%	<b>Precário:</b> < 50,0	<b>Precário:</b> < 75,0
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> < 0,50/100.000 hab.	<b>Baixo:</b> < 2,00/100.000 hab.	–	–	–	–



ACRE

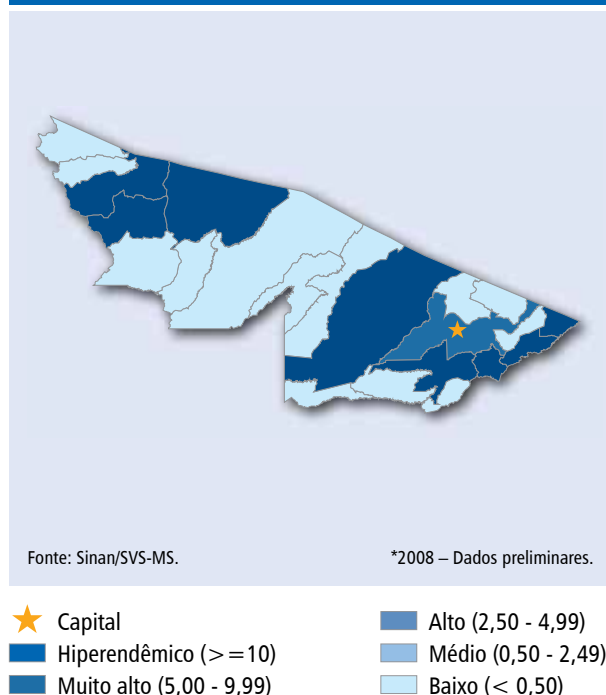
O estado do Acre, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 99,38/100.000 habitantes em 1992 e 37,64/100.000 habitantes em 2008 apresentando classificação de “hiperendêmica” para “muito alta”, segundo parâmetros oficiais, muito acima da encontrada no Brasil. A região Norte, apresenta coeficientes com valor médio de 67,57/100.000 habitantes, tendo classificação hiperendêmica, variando de 84,40/100.000 em 1997 e 54,34/100.000 em 2007, no período, ainda que tenha tendência decrescente para o coeficiente de detecção.

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, ACRE, REGIÃO NORTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção do Acre nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação hiperendêmica (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 09 (40,9%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que os municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, ACRE, 2008\*.**



Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 96,6% para o período, considerado bom. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 7,2% e 3,2%, apresentando variação na classificação “média”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “regular” no período, com média de 83,5% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 67,5% de examinados, oscilando entre 33,5% em 2001 e 66,4% em 2008, mantendo-se com classificação “regular”. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 68,8%, considerado “precária”, oscilando entre 33,3% em 2001 e 97,8% em 2007. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, ACRE, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coeficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coeficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	44	19,74	403	70,16	100,0	7,2	98,9	33,5	33,3
2002	35	15,37	361	61,50	99,4	4,2	96,8	32,0	42,9
2003	30	12,88	400	66,60	99,0	4,8	95,7	4,8	32,0
2004	31	13,02	319	51,94	96,2	7,2	88,0	18,5	84,1
2005	41	15,78	362	54,05	95,3	3,5	61,3	15,2	71,3
2006	56	21,02	527	76,75	95,8	3,2	48,8	13,7	96,1
2007	33	13,08	277	39,38	91,0	7,9	48,4	53,7	97,8
2008	27	11,13	256	37,64	95,7	6,9	72,4	66,4	93,5

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

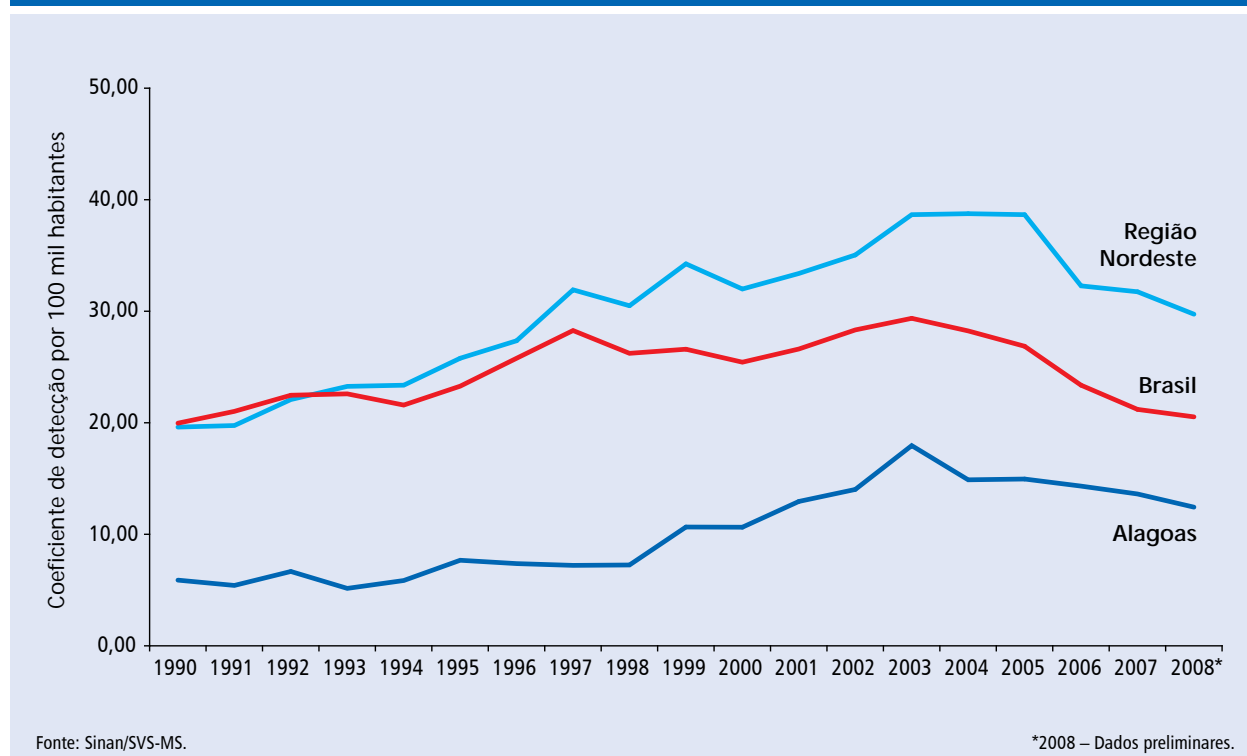
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–



## ALAGOAS

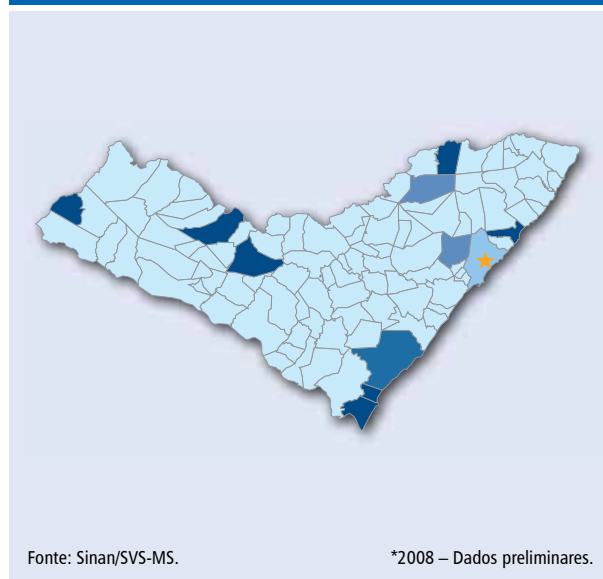
O estado Alagoas, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), não apresenta tendência estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 5,15/100.000 habitantes em 1993 e 17,96/100.000 habitantes em 2003, apresentando classificação “alta”, segundo parâmetros oficiais, menor que a encontrada no Brasil. A região nordeste, apresenta coeficientes com valor médio de 29,90/100.000 habitantes, variando de 19,60/100.000 em 1990 e 38,75/100.000 em 2004, tendo classificação “muito alta” no período, ainda que tenha tendência decrescente no final do período para o coeficiente de detecção.

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, ALAGOAS, REGIÃO NORDESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção de Alagoas nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “alta” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 11 (10,8%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, ALAGOAS, 2008\*.**



- ★ Capital
- Hiperendêmico ( $\geq 10$ )
- Muito alto (5,00 - 9,99)
- Alto (2,50 - 4,99)
- Médio (0,50 - 2,49)
- Baixo ( $< 0,50$ )

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 76,9% para o período, considerado “regular”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 3,8% e 12,4%, apresentando classificação de “baixa” para “alta”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 47,2% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 59,7% de examinados, oscilando entre 94% em 2001 e 40,7% em 2004, mantendo-se com classificação “regular”. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 78%, considerado “regular”, oscilando entre 85,2% em 2006 e 66,2% em 2005. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, ALAGOAS, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	27	2,70	370	12,95	60,3	5,8	33,7	94,0	83,3
2002	31	3,06	405	14,03	71,6	3,8	43,3	60,8	84,5
2003	39	3,82	524	17,96	79,2	5,8	48,4	71,8	73,4
2004	29	2,81	439	14,89	64,5	4,9	41,0	40,7	70,9
2005	37	3,51	451	14,95	76,5	8,1	37,5	59,9	66,2
2006	33	3,10	437	14,32	87,0	6,3	51,2	46,7	85,2
2007	19	1,88	420	13,61	91,0	6,7	51,6	53,5	82,5
2008	16	1,57	389	12,44	84,8	12,4	70,8	50,3	77,9

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

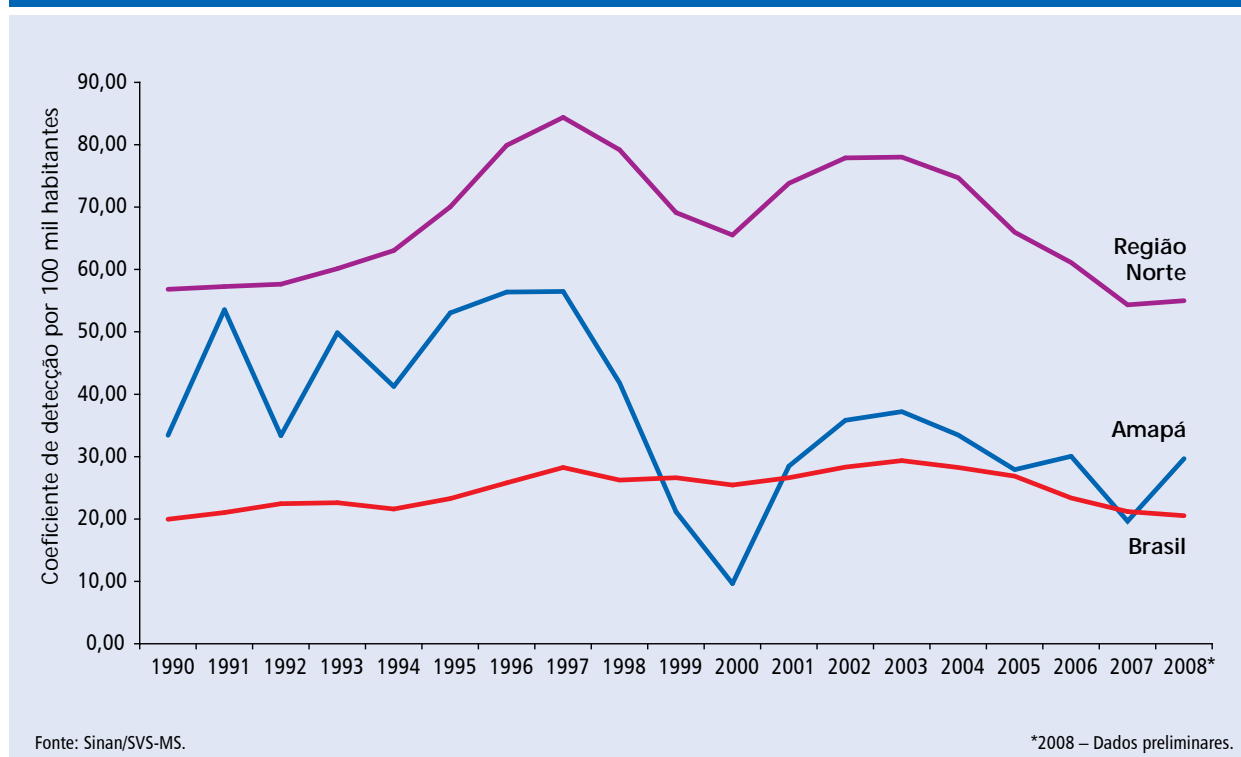
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–



# AMAPÁ

O estado do Amapá, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 56,40/100.000 habitantes em 1996 e 9,64/100.000 habitantes em 2000, tendo como média no período 36,43/100.000 habitantes, considerada “hiperendêmica”, segundo parâmetros oficiais, acima da encontrada no Brasil (24,62). A região Norte, apresenta coeficientes com valor médio de 67,57/100.000 habitantes, tendo classificação hiperendêmica, variando de 84,40/100.000 em 1997 e 54,34/100.000 em 2007, no período, ainda que tenha tendência decrescente para o coeficiente de detecção.

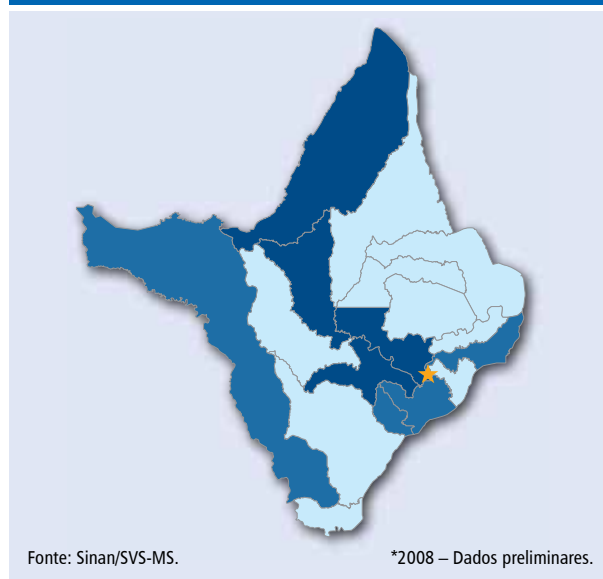
**GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, AMAPÁ, REGIÃO NORTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.**



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção do Amapá, nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “muito alta” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 07 (43,8%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.



**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, AMAPÁ, 2008\*.**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

- ★ Capital
- Hiperendêmico ( $\geq 10$ )
- Muito alto (5,00 - 9,99)
- Alto (2,50 - 4,99)
- Médio (0,50 - 2,49)
- Baixo ( $< 0,50$ )

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 83,9% para o período, considerado “regular”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 3,3% em 2006 e 9,2% em 2007, apresentando variação na classificação de “baixa” para “média”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada precária no período, com média de 42,1% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 5,7% de examinados, oscilando entre 0,0% em 2001 e 18,2% em 2002, mantendo-se com classificação “precária”. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 30,9%, considerado “precário”, oscilando entre 0,0% em 2002 e 69,0% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, AMAPÁ, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	12	6,11	142	28,47	77,5	5,5	44,9	0,0	9,7
2002	20	9,83	185	35,82	91,4	4,7	42,9	18,2	0,0
2003	20	9,50	199	37,21	93,5	4,8	72,1	1,7	0,0
2004	21	9,65	185	33,45	82,2	7,2	28,5	1,3	40,4
2005	10	4,27	166	27,92	69,3	6,1	27,5	4,6	12,3
2006	14	5,78	185	30,05	82,7	3,3	28,6	1,4	69,0
2007	12	5,02	125	19,63	85,8	9,2	33,8	1,2	52,1
2008	20	8,73	182	29,68	89,0	7,4	58,8	16,9	63,4

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–

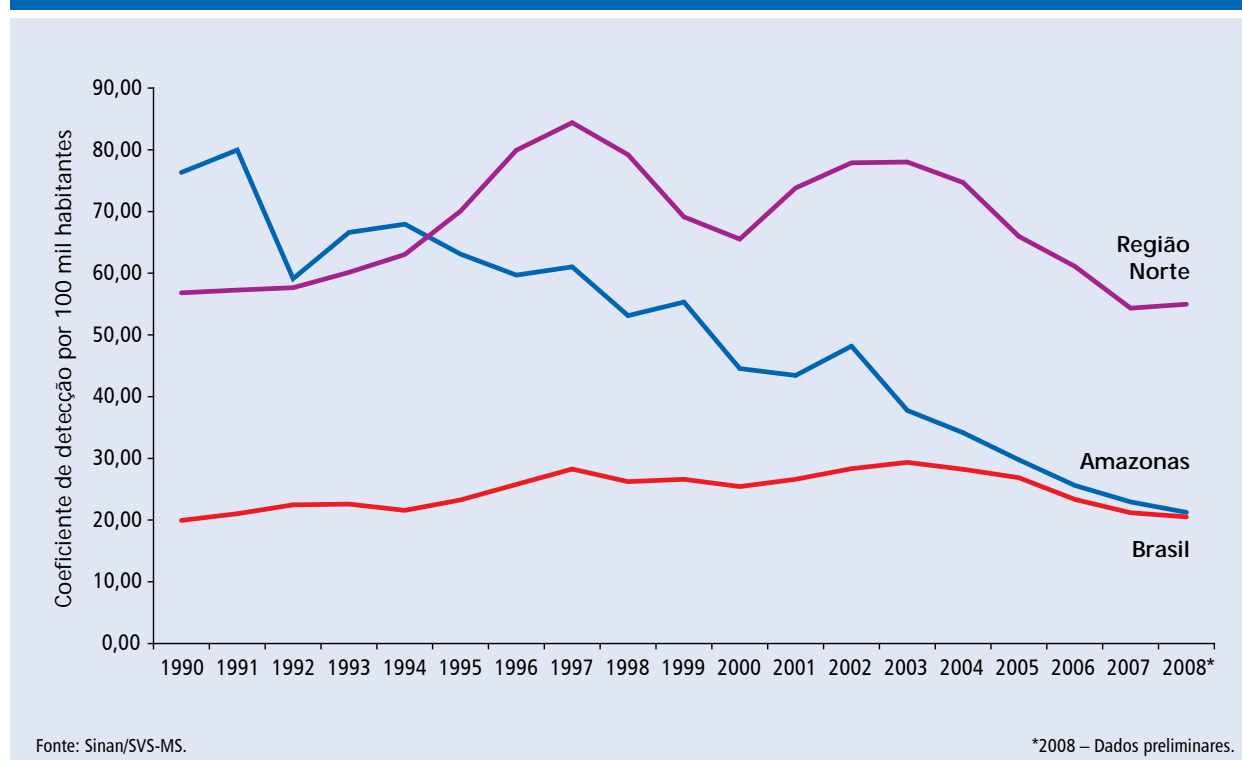




# AMAZONAS

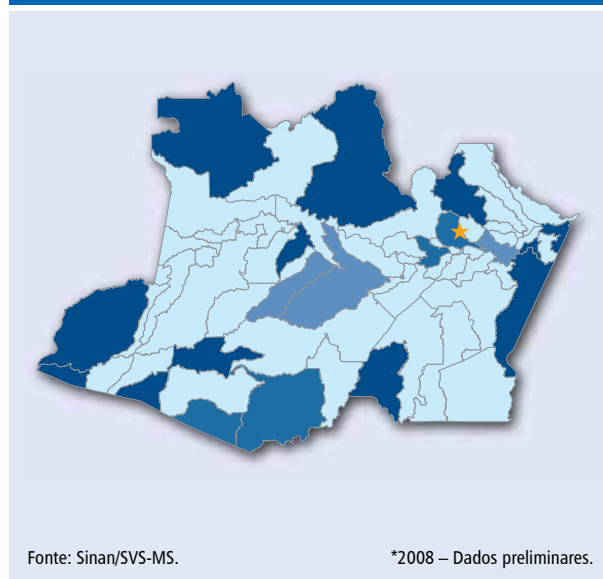
O estado do Amazonas, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 79,97/100.000 habitantes em 1991 e 21,25/100.000 habitantes em 2008, apresentando classificação de “hiperendêmica” para “muito alta”, segundo parâmetros oficiais, aproximando-se da encontrada no Brasil. A região Norte, apresenta coeficientes com valor médio de 67,57/100.000 habitantes, tendo classificação hiperendêmica, variando de 84,40/100.000 em 1997 e 54,34/100.000 em 2007, no período, ainda que tenha tendência decrescente para o coeficiente de detecção.

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, AMAZONAS, REGIÃO NORTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção do Amazonas, nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “Hipirendêmico” até 2003, passando a partir de 2004 para “muito alta” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 19 (30,6%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que os municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, AMAZONAS, 2008\*.**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

- ★ Capital
- Hiperendêmico ( $\geq 10$ )
- Muito alto (5,00 - 9,99)
- Alto (2,50 - 4,99)
- Médio (0,50 - 2,49)
- Baixo ( $< 0,50$ )

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 95,5% para o período, considerada “bom”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 5,5% e 8,4%, apresentando classificação “média”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “regular” no período, com média de 79,8% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 57,7% de examinados, oscilando entre 140,4% em 2002 e 26,8% em 2008, mantendo-se com classificação “precária” desde 2003. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 77,1%, considerado “regular”, oscilando entre 86,6% em 2001 e 68,4% em 2005. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, AMAZONAS, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coeficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coeficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	139	12,33	1.260	43,45	96,9	8,4	97,5	107,9	86,6
2002	161	14,00	1.427	48,18	93,6	6,5	96,2	140,4	84,0
2003	129	10,96	1.145	37,78	94,8	7,0	80,5	46,3	74,1
2004	111	9,22	1059	34,16	97,3	7,3	70,9	40,1	69,2
2005	84	6,70	962	29,76	95,5	5,5	72,9	37,6	68,4
2006	91	7,09	848	25,61	96,7	7,4	75,2	27,2	77,4
2007	93	7,88	778	22,96	93,3	8,1	66,3	35,7	78,6
2008	60	5,28	710	21,25	96,1	8,1	79,0	26,8	78,8

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

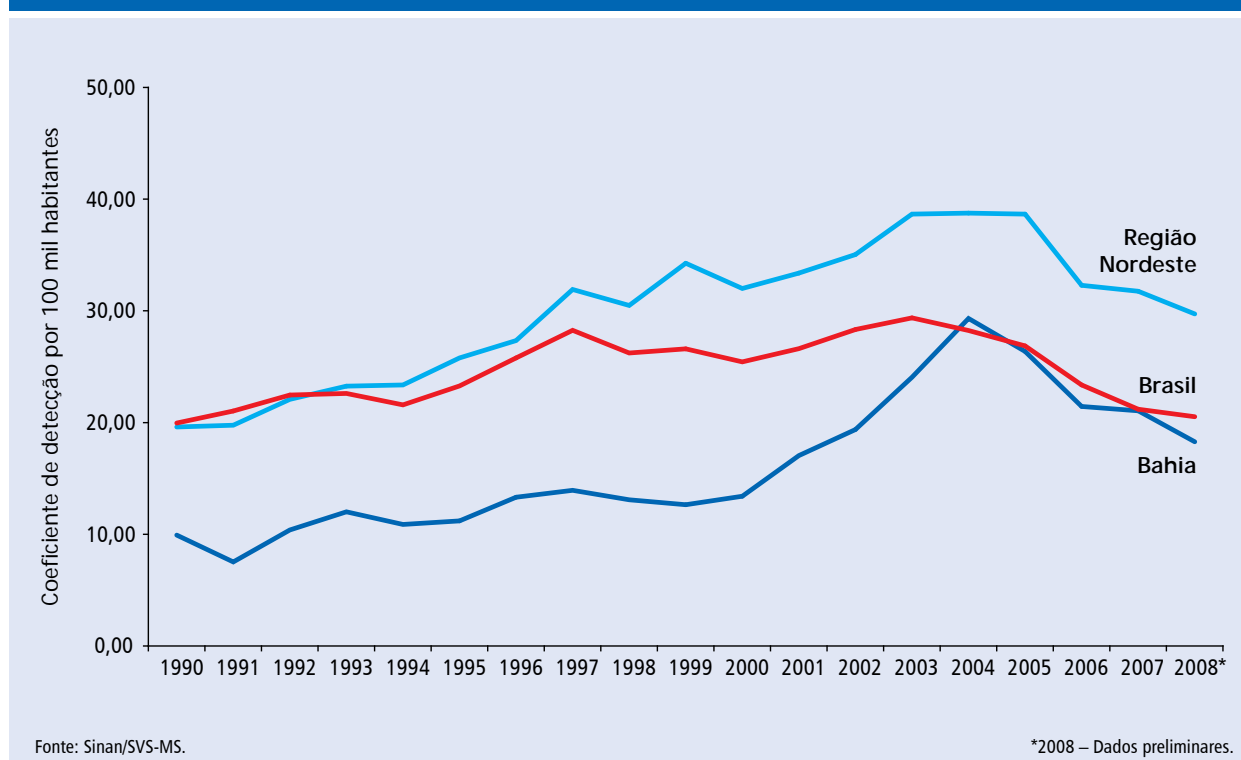
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–



## BAHIA

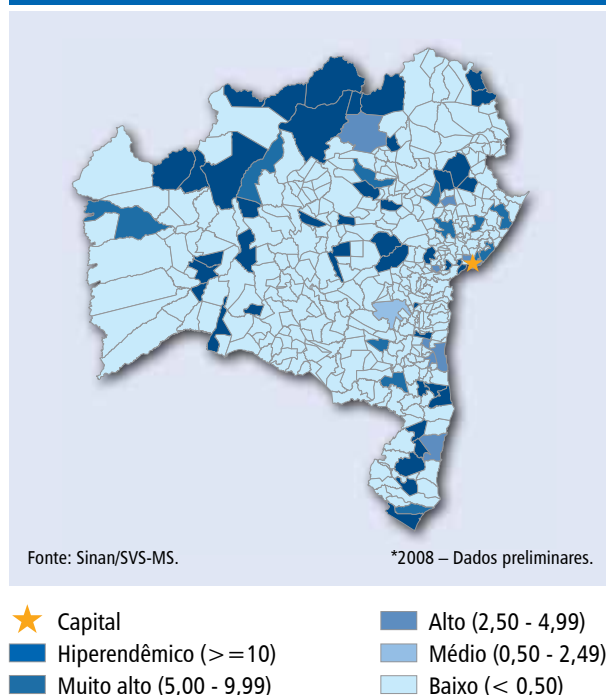
O estado da Bahia, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente mais tardia, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 7,52/100.000 habitantes em 1991 e 29,32/100.000 habitantes em 2003, apresentando classificação “alta” para o período, segundo parâmetros oficiais, menor que a encontrada no Brasil. A região nordeste, apresenta coeficientes com valor médio de 29,90/100.000 habitantes, variando de 19,60/100.000 em 1990 e 38,75/100.000 em 2004, tendo classificação “muito alta” no período, ainda que tenha tendência decrescente no final do período para o coeficiente de detecção.

**GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, BAHIA, REGIÃO NORDESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.**



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção na Bahia nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “alta” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 65 (15,6%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, BAHIA, 2008\*.**



Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 87,3% para o período, considerado “regular”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 3,1% e 8,5%, apresentando classificação de “baixa” para “média” no período, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 47,7% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 40% de examinados, oscilando entre 69,7% em 2001 e 30,2% em 2008, mantendo-se com classificação “precária”. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 68,7%, considerado “precário”, oscilando entre 60,0% em 2003 e 80,2% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, BAHIA, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	199	4,71	2.252	17,04	86,2	4,4	74,3	69,7	74
2002	202	4,74	2.582	19,38	86,6	4,2	42,7	39,8	60,7
2003	318	7,41	3.234	24,06	87,6	3,1	41,8	40,5	60,0
2004	349	8,06	3.974	29,32	91,8	3,4	43,1	36,8	63,9
2005	312	7,07	3.644	26,38	87,2	3,9	41,9	33,6	65,4
2006	250	5,61	2.991	21,44	87,4	4,3	46,0	31,8	80,2
2007	260	6,50	2.965	21,05	86,2	8,5	35,2	37,6	76,1
2008	189	4,65	2.651	18,28	85,2	6,7	56,7	30,2	69,0

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

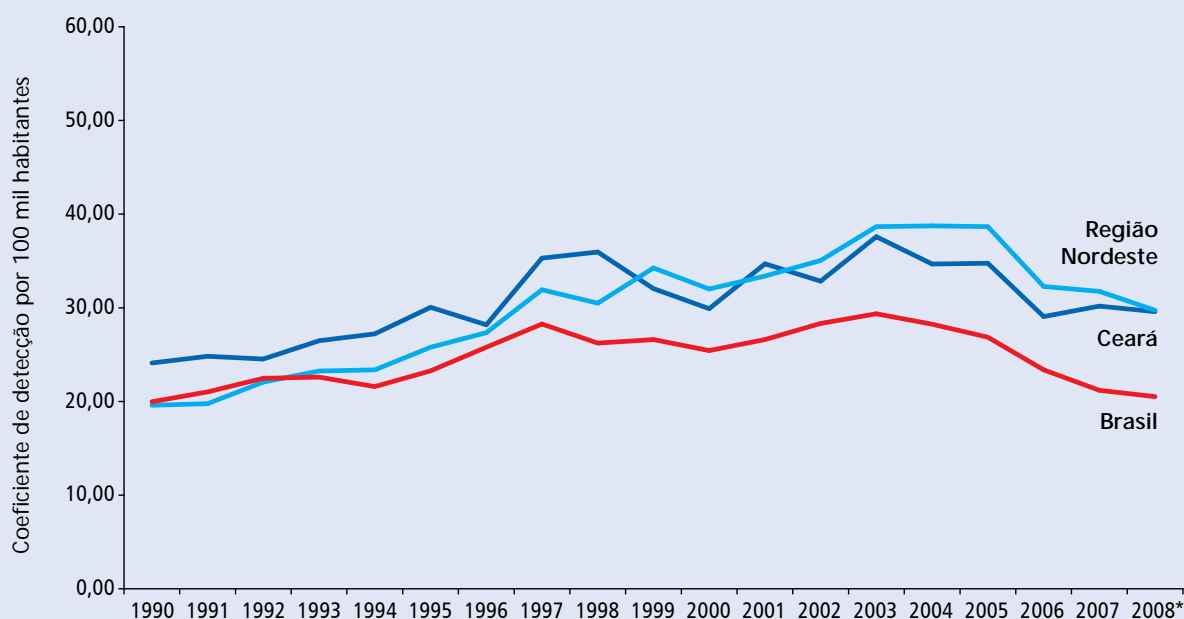
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–



# CEARÁ

O estado do Ceará, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 24,89/100.000 habitantes em 1991 e 37,58/100.000 habitantes em 2003, apresentando classificação “muito alta”, segundo parâmetros oficiais, acima da encontrada no Brasil. A região nordeste, apresenta coeficientes com valor médio de 29,90/100.000 habitantes, variando de 19,60/100.000 em 1990 e 38,75/100.000 em 2004, tendo classificação “muito alta” no período, ainda que tenha tendência decrescente no final do período para o coeficiente de detecção.

**GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, CEARÁ, REGIÃO NORDESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.**

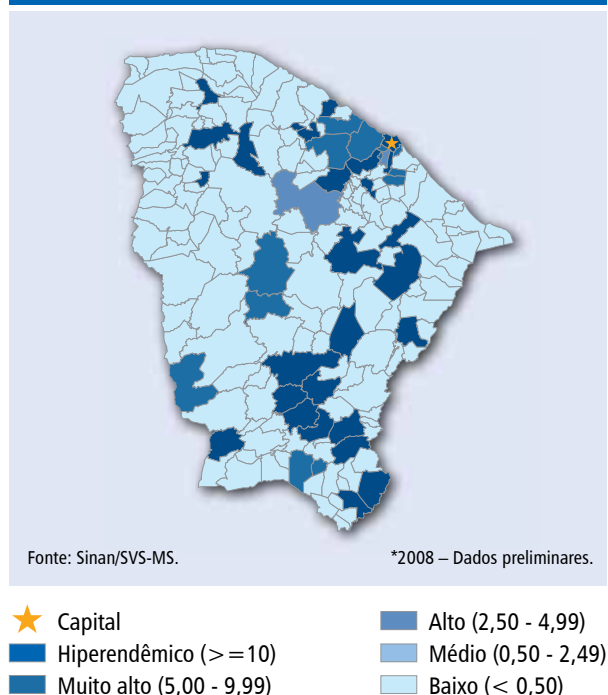


Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção no Ceará nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “muito alta” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 39 (21,2%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, CEARÁ, 2008\*.**



Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 89,5% para o período, considerado regular. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 5,4% e 10,7, apresentando classificação de “baixa” para “alta”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 64,6% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 54,5% de examinados, oscilando entre 91,5% em 2002 e 39,6% em 2006, mantendo-se com classificação “precária” desde 2003. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 80,7%, considerado “regular”, oscilando entre 68,6% em 2003 e 90% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, CEARÁ, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	148	5,85	2.619	34,70	89,5	6,7	75,2	70,9	86,0
2002	152	5,92	2.514	32,84	91,0	6,0	69,3	91,5	85,1
2003	146	5,61	2.916	37,58	91,6	6,6	57,3	41,8	68,6
2004	170	6,45	2.726	34,67	92,5	6,6	68,0	47,0	73,4
2005	201	7,40	2.815	34,76	92,0	5,4	62,4	47,2	79,2
2006	166	6,03	2.389	29,07	90,3	6,0	64,9	39,6	90,0
2007	165	6,72	2.515	30,17	83,1	10,7	59,9	49,8	81,6
2008	168	6,86	2.500	29,58	86,3	7,6	60,1	48,2	82,2

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–

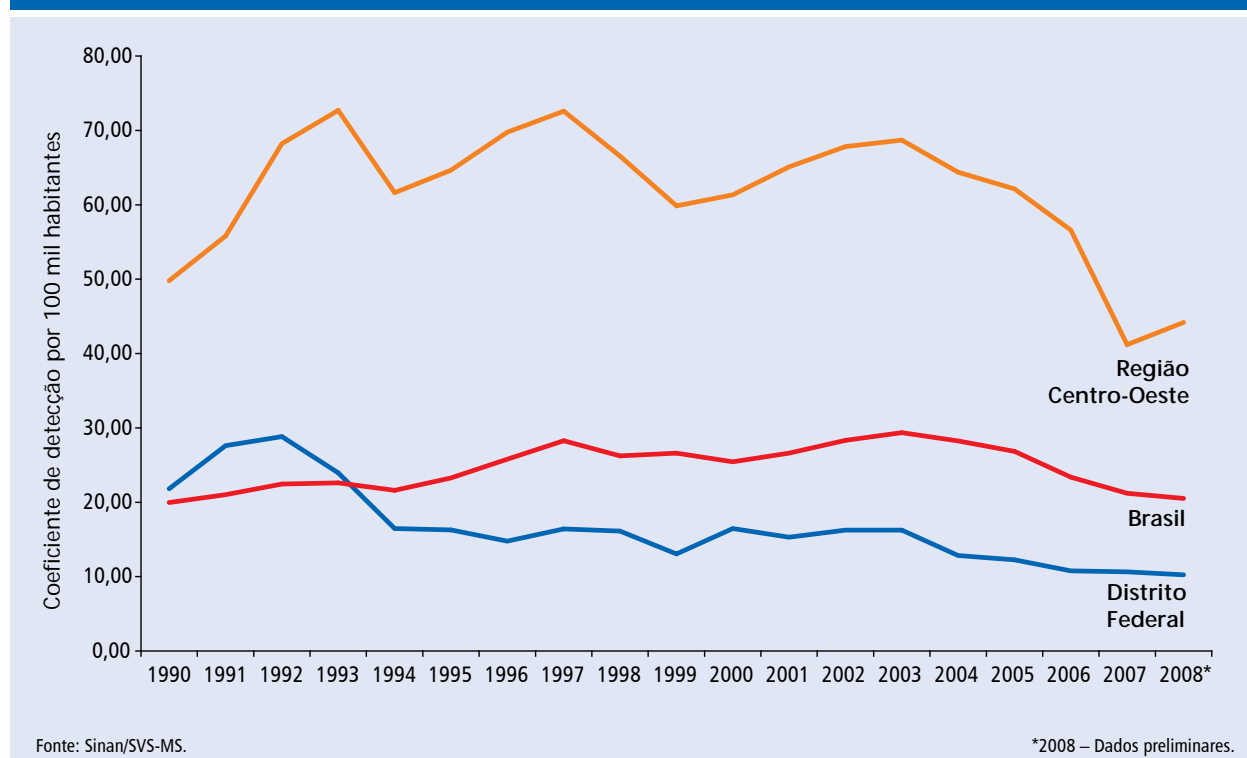




## DISTRITO FEDERAL

O Distrito Federal, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 28,82/100.000 habitantes em 1992 e 10,25/100.000 habitantes em 2008, apresentando classificação “alta”, segundo parâmetros oficiais, menor que a encontrada no Brasil. A região Centro-Oeste, apresenta coeficientes com valor médio de 61,74/100.000 habitantes, variando de 41,19/100.000 em 2007 a 72,68/100.000 em 1993, tendo classificação hiperendêmica no período, ainda que, com tendência decrescente.

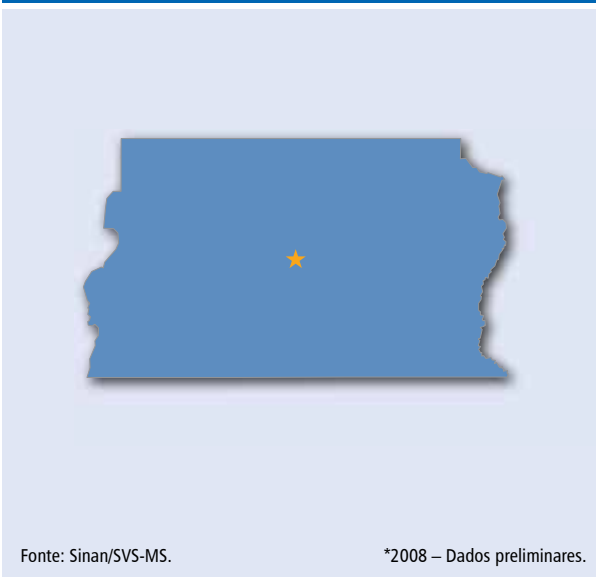
GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, DISTRITO FEDERAL, REGIÃO CENTRO-OESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção do Distrito Federal nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “média” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças no Distrito Federal, que está cercado por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que o Distrito Federal não está inserido nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.



**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, DISTRITO FEDERAL, 2008\*.**



- ★ Capital
- Hiperendêmico ( $\geq 10$ )
- Muito alto (5,00 - 9,99)
- Alto (2,50 - 4,99)
- Médio (0,50 - 2,49)
- Baixo ( $< 0,50$ )

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 91,3% para o período, considerado “bom”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 7,5% e 17,7%, apresentando classificação de “média” para “alta” no período, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “regular” no período, com média de 82,3% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 54,9% de examinados, oscilando entre 35,6% em 2006 e 64,4% em 2007, mantendo-se com classificação “regular”. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 82,2%, considerado “regular”, oscilando entre 87,8% em 2002 e 72,6% em 2004. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, DISTRITO FEDERAL, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	8	1,34	321	15,30	92,2	9,5	89,3	63,2	83,8
2002	17	2,79	349	16,26	91,4	7,5	87,6	58,1	87,8
2003	16	2,57	356	16,26	88,2	8,6	88,4	61,0	83,6
2004	7	1,10	287	12,85	96,5	10,5	78,9	54,6	72,6
2005	11	1,66	286	12,26	90,9	10,8	82,7	56,2	79,3
2006	9	1,33	257	10,78	91,1	9,0	80,8	35,6	87,3
2007	10	1,55	259	10,64	87,6	16,4	70,5	64,4	82,5
2008	17	2,54	262	10,25	92,7	17,7	79,9	46,1	80,8

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

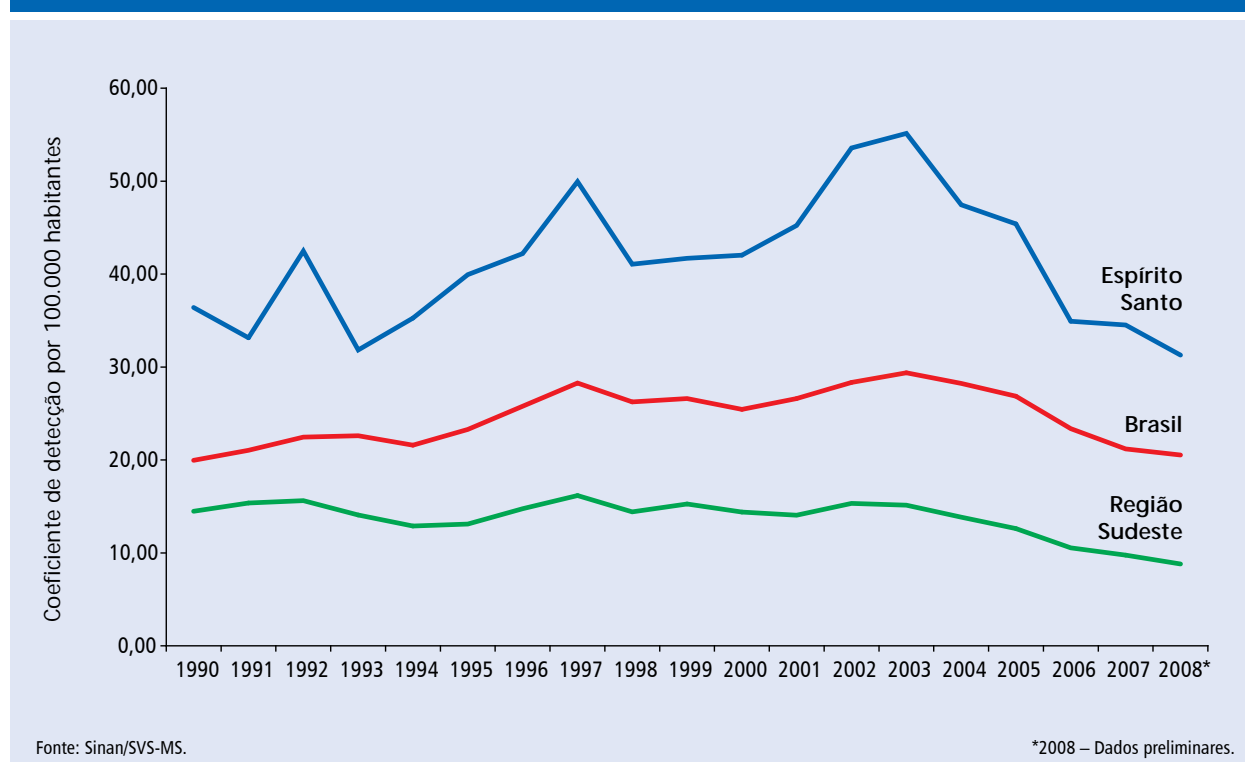
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
Hiperendêmico: $\geq 10,00/100.000$ hab.	Hiperendêmico: $\geq 40,00/100.000$ hab.	Bom: $\geq 90,0\%$	Alto: $\geq 10,0\%$	Bom: $\geq 75,0\%$	Bom: $\geq 90,0\%$
Muito Alto: 5,00 a 9,99/100.00 hab.	Muito Alto: 20,00 a 39,99/100.000 hab.	Regular: 75,0 a 89,9%	Médio: 5,0 a 9,9%	Regular: 50,0 a 74,9%	Regular: 75,0 a 89,9%
Alto: 2,50 a 4,99/100.000 hab.	Alto: 10,00 a 19,99/100.000 hab.	Precário: $< 75,0$	Baixo: $< 5,0\%$	Precário: $< 50,0$	Precário: $< 75,0$
Médio: 0,50 a 2,49/100.000 hab.	Médio: 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
Baixo: $< 0,50/100.000$ hab.	Baixo: $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–



## ESPÍRITO SANTO

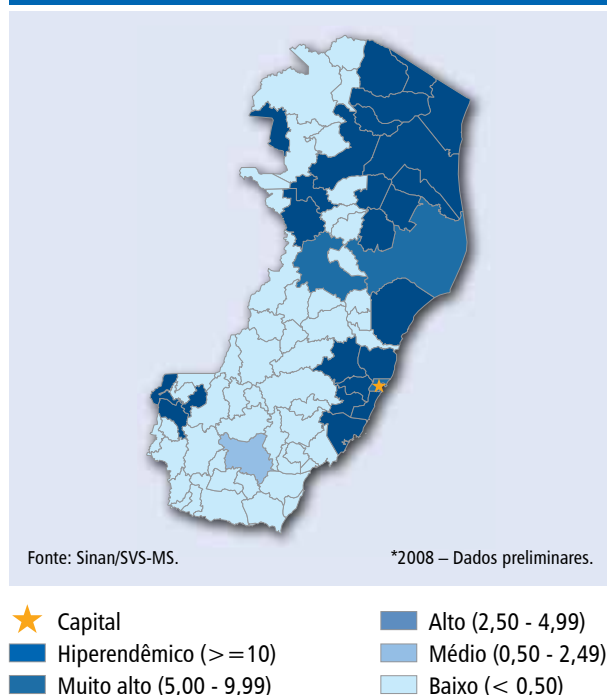
O estado do Espírito Santo, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 53,57/100.000 habitantes em 2002 e 31,28/100.000 habitantes em 2008, apresentando classificação “alta”, segundo parâmetros oficiais, muito acima da encontrada no Brasil. A região Sudeste, apresenta coeficientes com valor médio de 13,71/100.000 habitantes, variando de 16,16/100.000 em 1997 e 8,81/100.000 em 2008, tendo classificação “alta” no período, ainda que tenha tendência decrescente para o coeficiente de detecção.

**GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, ESPÍRITO SANTO, REGIÃO SUDESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.**



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção do Espírito Santo nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “hiperendêmica” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 27 (34,6%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, ESPÍRITO SANTO, 2008\*.**



Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 92,6% para o período, considerado regular. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 6,5% e 4%, apresentando classificação “média”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “regular” no período, com média de 83,7% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 75,5% de examinados, oscilando entre 81,3% em 2005 e 65,7% em 2008, mantendo-se com classificação “bom” até 2005. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 90%, considerado “bom”, oscilando entre 94,4% em 2001 e 86,9% em 2008. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, ESPÍRITO SANTO, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	78	8,61	1.427	45,23	89,6	6,5	86,0	75,6	94,4
2002	124	13,49	1.715	53,57	92,5	4,8	87,4	76,0	92,3
2003	134	14,36	1.792	55,13	92,5	6,2	86,9	78,6	89,6
2004	115	12,14	1.565	47,45	96,4	5,6	89,7	78,2	84,6
2005	138	14,10	1.547	45,39	94,7	4,1	87,7	81,3	85,2
2006	103	10,35	1.210	34,93	95,4	4,0	86,8	73,6	94,4
2007	101	11,30	1.215	34,52	89,7	5,4	69,5	75,3	92,2
2008	108	12,46	1.080	31,27	89,8	4,9	75,7	65,7	86,9

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

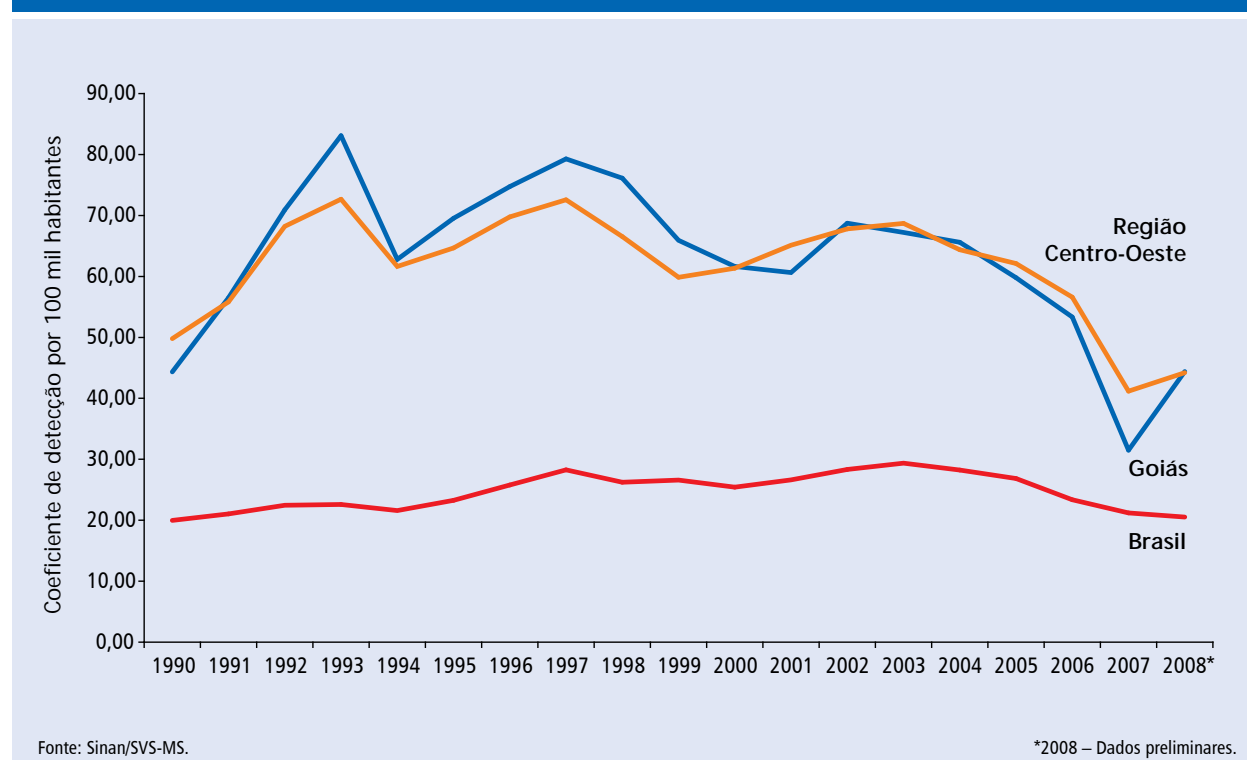
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–



# GOIÁS

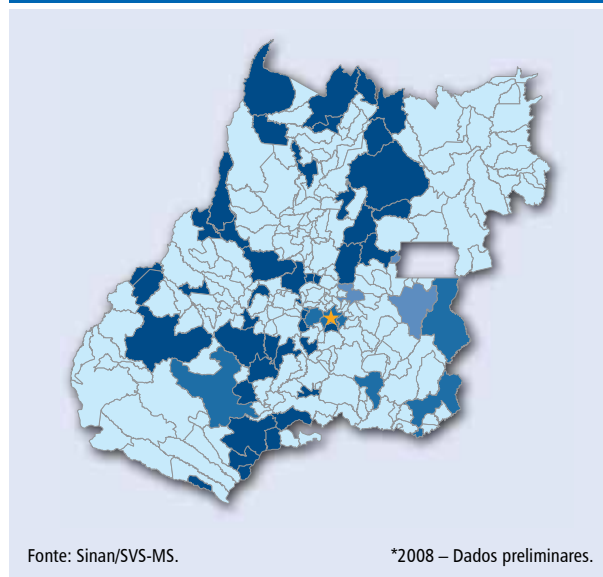
O Estado de Goiás, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 44,34/100.000 habitantes em 1990 e 83,9/100.000 habitantes em 1993, apresentando classificação “hiperendêmica”, segundo parâmetros oficiais, maior que a encontrada no Brasil. A região Centro-Oeste, apresenta coeficientes com valor médio de 61,74/100.000 habitantes, variando de 41,19/100.000 em 2007 a 72,68/100.000 em 1993, tendo classificação hiperendêmica no período, ainda que, com tendência decrescente.

**GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, GOIÁS, REGIÃO CENTRO-OESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.**



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção em Goiás nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “hiperendêmica” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 54 (22%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, GOIÁS, 2008\*.**



- ★ Capital
- Hiperendêmico ( $\geq 10$ )
- Muito alto (5,00 - 9,99)
- Alto (2,50 - 4,99)
- Médio (0,50 - 2,49)
- Baixo ( $< 0,50$ )

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 89,6% para o período, considerado “regular”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 3,2% e 7,1%, apresentando classificação de “baixa” para “média” no período, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 69,7% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 56,1% de examinados, oscilando entre 72,3% em 2001 e 46,8% em 2006, mantendo-se com classificação “regular”. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 72,3%, considerado “precária”, oscilando entre 83,9% em 2002 e 53,2% em 2005. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, GOIÁS, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	154	10,25	3.103	60,65	88,9	3,3	74,8	72,3	83,6
2002	176	11,49	3.581	68,73	83,5	4,2	72,1	62,2	83,9
2003	183	11,71	3.567	67,22	87,2	3,2	70,8	51,9	73,1
2004	172	10,80	3.545	65,62	89,1	5,3	72,0	49,9	60,1
2005	178	10,72	3.360	59,79	91,5	4,7	74,8	54,1	53,2
2006	181	10,67	3.056	53,33	94,1	5,0	73,7	46,8	82,7
2007	106	6,85	1.839	31,49	90,2	5,5	49,0	54,5	73,4
2008	139	9,20	2.596	44,41	92,7	7,1	70,8	57,5	68,1

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

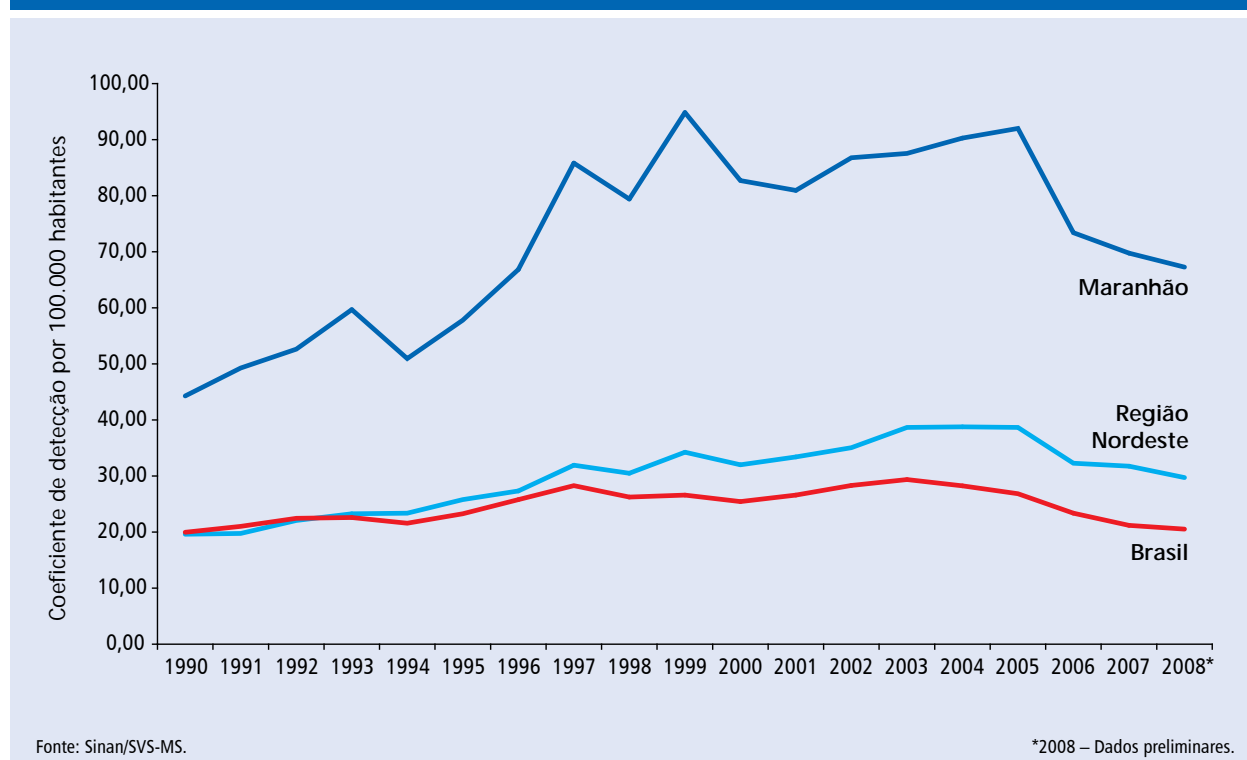
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–



# MARANHÃO

O estado do Maranhão, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente mais tardia, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 44,29/100.000 habitantes em 1990 e 94,83/100.000 habitantes em 1999, apresentando classificação “hiperendêmica”, segundo parâmetros oficiais, muito acima da encontrada no Brasil. A região nordeste, apresenta coeficientes com valor médio de 29,90/100.000 habitantes, variando de 19,60/100.000 em 1990 e 38,75/100.000 em 2004, tendo classificação “muito alta” no período, ainda que tenha tendência decrescente no final do período para o coeficiente de detecção.

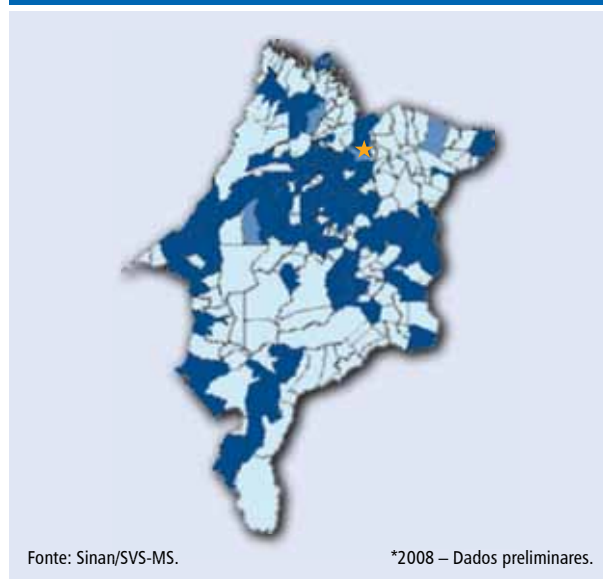
GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, MARANHÃO, REGIÃO NORDESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção do Maranhão nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “hiperendêmica” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 90 (41,5%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que os municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.



**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, MARANHÃO, 2008\*.**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

- ★ Capital
- Hiperendêmico ( $\geq 10$ )
- Muito alto (5,00 - 9,99)
- Alto (2,50 - 4,99)
- Médio (0,50 - 2,49)
- Baixo ( $< 0,50$ )

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 77,6% para o período, considerado “regular”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 5,1% e 9,6%, apresentando classificação “média”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 50,8% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 44,4% de examinados, oscilando entre 67% em 2001 e 35,6% em 2006, mantendo-se com classificação “precária” desde 2002. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 73,9%, considerado “precário”, oscilando entre 63,9% em 2004 e 87,8% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, MARANHÃO, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	497	23,27	4.638	80,94	80,0	6,8	55,6	67,0	74,4
2002	605	27,97	5.035	86,76	79,0	6,2	57,1	48,0	67,4
2003	567	25,91	5.142	87,54	75,4	5,1	55,6	38,7	70,9
2004	580	26,19	5.366	90,28	70,2	5,3	50,0	39,3	63,9
2005	650	28,60	5.615	92,00	74,2	5,7	43,2	44,7	67,3
2006	488	21,19	4.539	73,39	81,9	5,8	46,2	35,6	87,8
2007	400	19,23	4.370	69,75	80,9	9,6	44,9	42,4	81,6
2008	394	19,05	4.241	67,26	79,3	8,1	53,4	39,5	78,2

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–

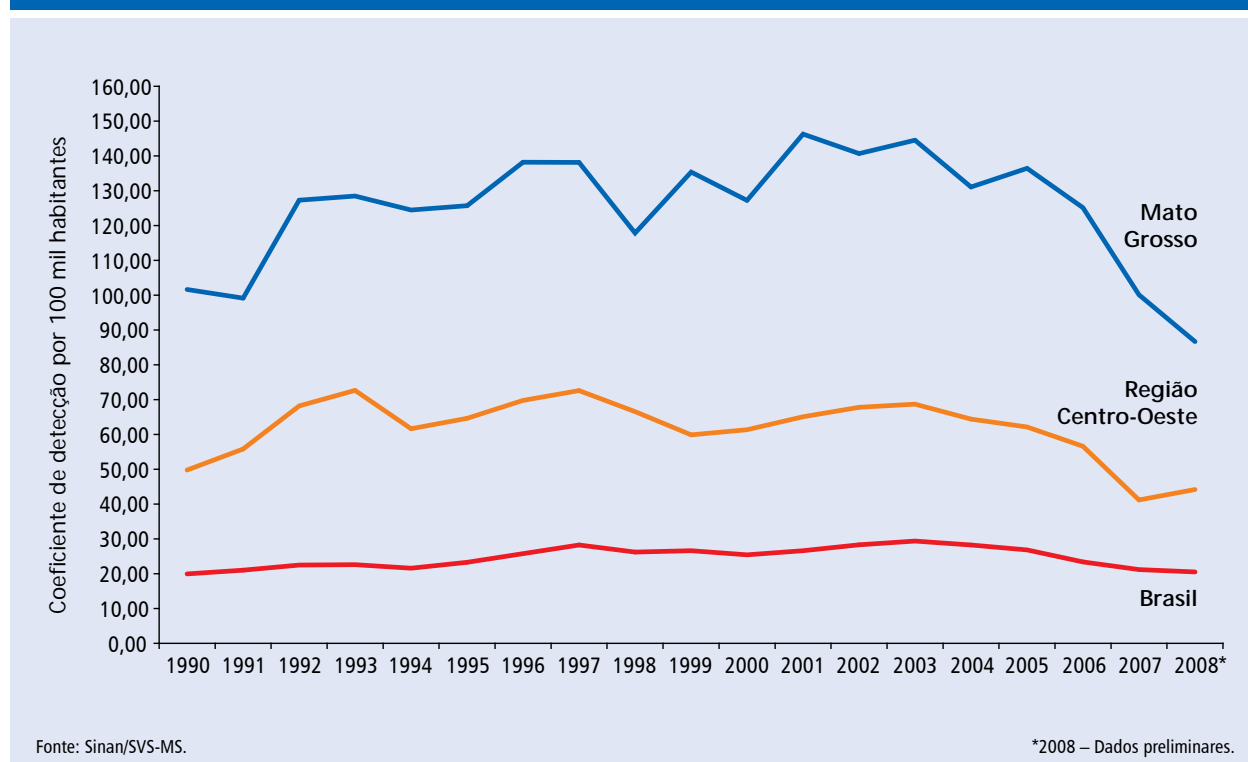




## MATO GROSSO

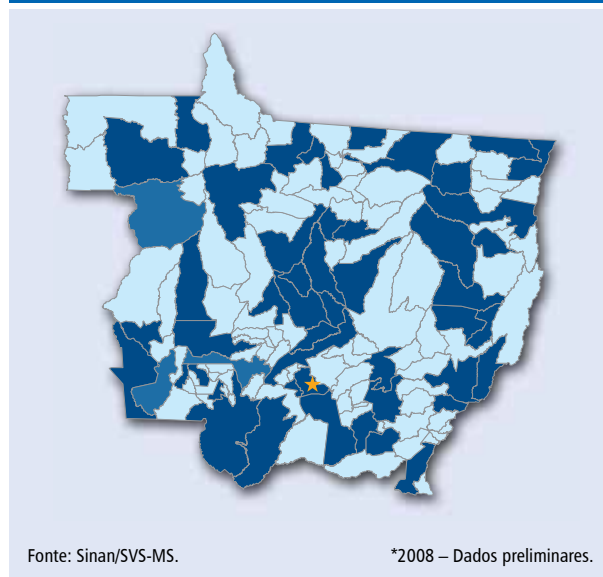
O estado do Mato Grosso, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 144,89/100.000 habitantes em 2003 e 96,65/100.000 habitantes em 2008, apresentando classificação “hiperendêmica”, segundo parâmetros oficiais, muito acima da encontrada no Brasil. A região Centro-Oeste, apresenta coeficientes com valor médio de 61,74/100.000 habitantes, variando de 41,19/100.000 em 2007 a 72,68/100.000 em 1993, tendo classificação hiperendêmica no período, ainda que, com tendência decrescente.

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, MATO GROSSO, REGIÃO CENTRO-OESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção do Mato Grosso nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “Hiperendêmica” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 49 (34,8%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, MATO GROSSO, 2008\*.**



★ Capital  
 ■ Hiperendêmico ( $\geq 10$ )  
 ■ Muito alto (5,00 - 9,99)  
 ■ Alto (2,50 - 4,99)  
 ■ Médio (0,50 - 2,49)  
 ■ Baixo ( $< 0,50$ )

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 87,7% para o período, considerado regular. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 3,3% e 7,8%, apresentando classificação “baixa” para o período, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 65,6% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 54,8% de examinados, oscilando entre 86% em 2001 e 45,8% em 2006, mantendo-se com classificação “regular”. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 75,8%, considerado “regular”, oscilando entre 63,5% em 2003 e 81,7% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, MATO GROSSO, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	252	30,96	3.745	146,26	83,1	3,4	55,0	86,0	80,3
2002	286	34,53	3.665	140,71	87,4	3,9	59,9	51,1	76,4
2003	292	34,62	3.831	144,49	89,6	4,0	66,0	46,8	63,5
2004	277	32,27	3.536	131,07	90,6	3,3	68,2	47,2	72,7
2005	289	32,38	3.825	136,45	90,7	3,4	72,5	49,2	72,4
2006	208	22,86	3.575	125,13	89,7	3,5	72,2	45,8	81,7
2007	181	22,07	2.914	100,13	83,9	7,8	58,9	48,7	79,3
2008	165	20,14	2.563	86,65	86,9	4,4	71,9	63,8	80,3

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

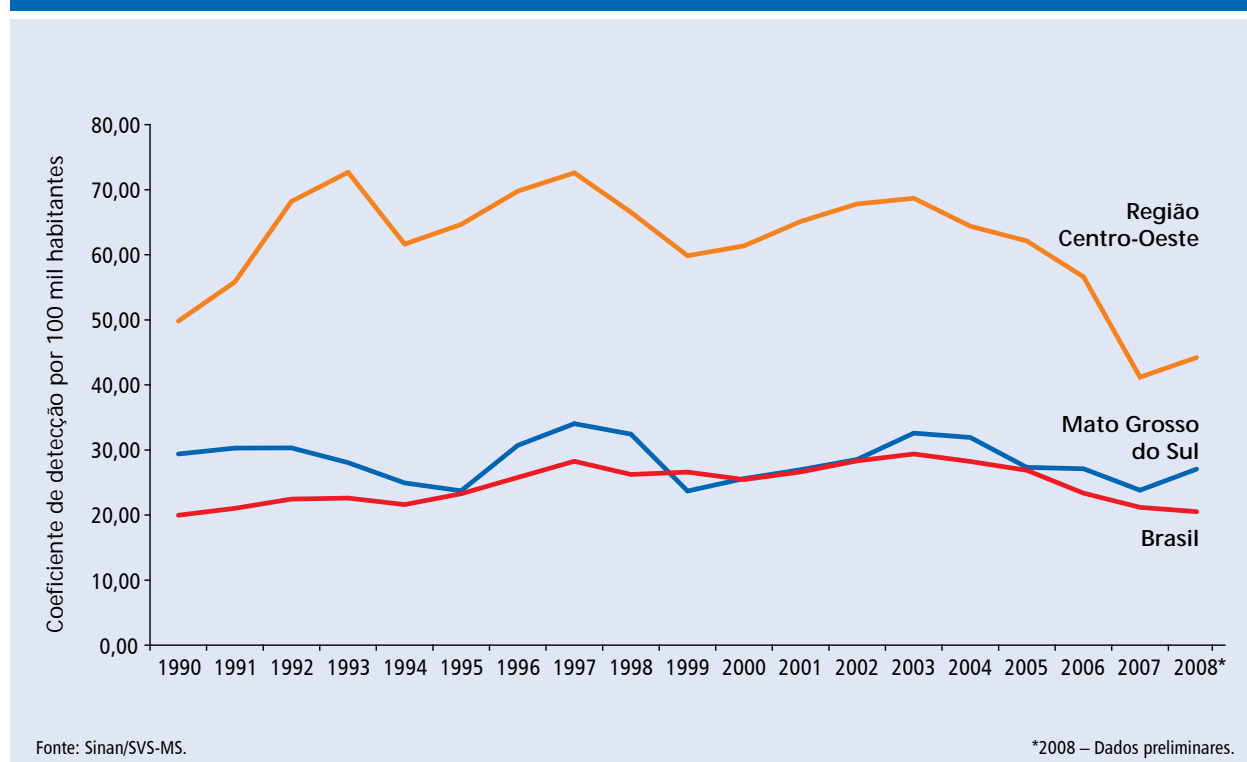
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
Hiperendêmico: $\geq 10,00/100.000$ hab.	Hiperendêmico: $\geq 40,00/100.000$ hab.	Bom: $\geq 90,0\%$	Alto: $\geq 10,0\%$	Bom: $\geq 75,0\%$	Bom: $\geq 90,0\%$
Muito Alto: 5,00 a 9,99/100.00 hab.	Muito Alto: 20,00 a 39,99/100.000 hab.	Regular: 75,0 a 89,9%	Médio: 5,0 a 9,9%	Regular: 50,0 a 74,9%	Regular: 75,0 a 89,9%
Alto: 2,50 a 4,99/100.000 hab.	Alto: 10,00 a 19,99/100.000 hab.	Precário: $< 75,0$	Baixo: $< 5,0\%$	Precário: $< 50,0$	Precário: $< 75,0$
Médio: 0,50 a 2,49/100.000 hab.	Médio: 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
Baixo: $< 0,50/100.000$ hab.	Baixo: $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–



## MATO GROSSO DO SUL

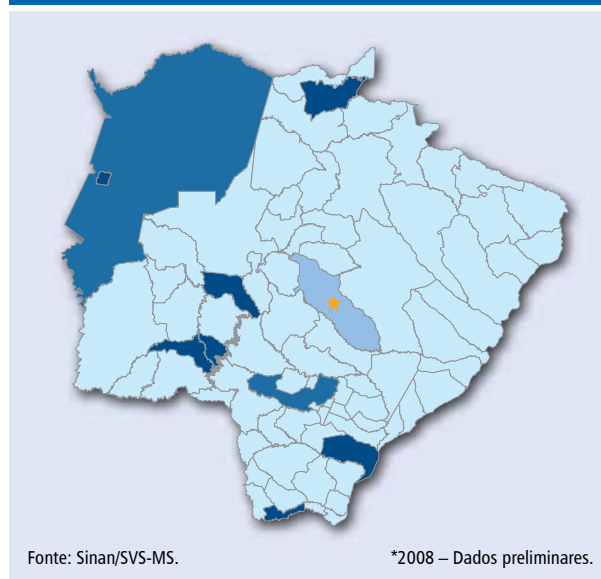
O estado do Mato Grosso do Sul, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), não apresenta tendência estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 23,68/100.000 habitantes em 1999 e 34,05/100.000 habitantes em 1997, apresentando classificação “muito alta”, segundo parâmetros do Ministério da Saúde, semelhante à encontrada para o Brasil. A região Centro-Oeste, apresenta coeficientes com valor médio de 61,74/100.000 habitantes, variando de 41,19/100.000 em 2007 a 72,68/100.000 em 1993, tendo classificação hiperendêmica no período, ainda que, com tendência decrescente.

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, MATO GROSSO DO SUL, REGIÃO CENTRO-OESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do Programa Nacional de Controle da Hanseníase (PNCH), sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária indica doença recente e focos de transmissão ativos, sendo uma ação de grande relevância para o controle da hanseníase. O coeficiente de detecção do Mato Grosso do Sul nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “alta” e “muito alta” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 10 (12,8%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que os municípios desse estado não fazem parte das dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, MATO GROSSO DO SUL, 2008\*.**



- ★ Capital
- Hiperendêmico ( $\geq 10$ )
- Muito alto (5,00 - 9,99)
- Alto (2,50 - 4,99)
- Médio (0,50 - 2,49)
- Baixo ( $< 0,50$ )

Em relação à média do percentual de casos avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 81,7%, o que é considerado regular. O GIF 2, que indica se a detecção está sendo feita precoce ou tardiamente, oscilou entre 5,3% e 13,0%, obtendo classificação “média”. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 50,5% de casos avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 65,4%, oscilando entre 120,1% em 2001 e 43,3% em 2003, mantendo-se com classificação “regular” desde 2005. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 82,7%, considerada “regular”, oscilando entre 76,1% em 2004 e 91,3% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento dos pacientes no Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, MATO GROSSO DO SUL, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	19	2,94	569	26,95	78,2	6,7	28,4	120,1	85,9
2002	24	3,66	611	28,54	82,7	5,7	35,0	64,5	83,1
2003	39	5,87	707	32,59	87,4	7,6	43,7	43,3	82,8
2004	37	5,50	702	31,93	79,8	5,5	44,5	49,1	76,1
2005	29	4,18	619	27,34	79,3	5,3	51,7	66,2	77,1
2006	26	3,70	623	27,11	82,8	5,6	53,1	66,3	91,3
2007	15	2,37	555	23,81	80,2	13,0	62,6	58,7	86,3
2008	31	4,98	632	27,05	83,2	8,0	60,5	74,2	86,0

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

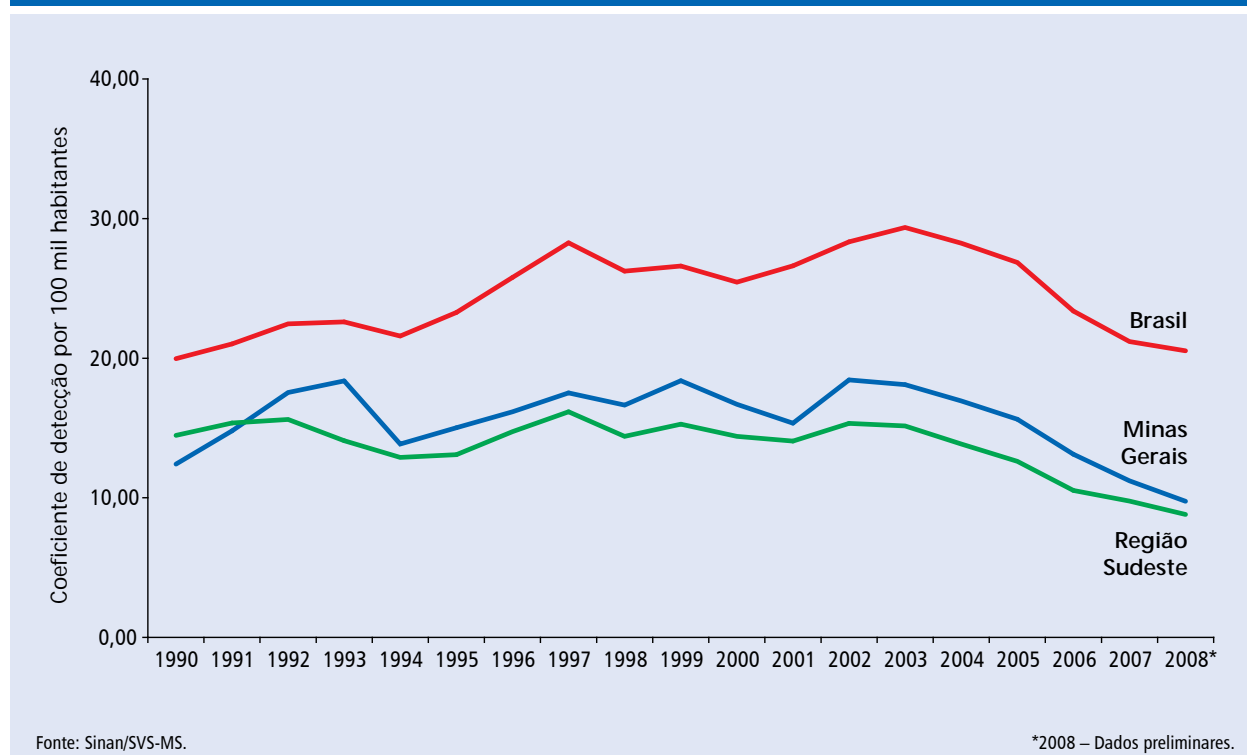
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–



## MINAS GERAIS

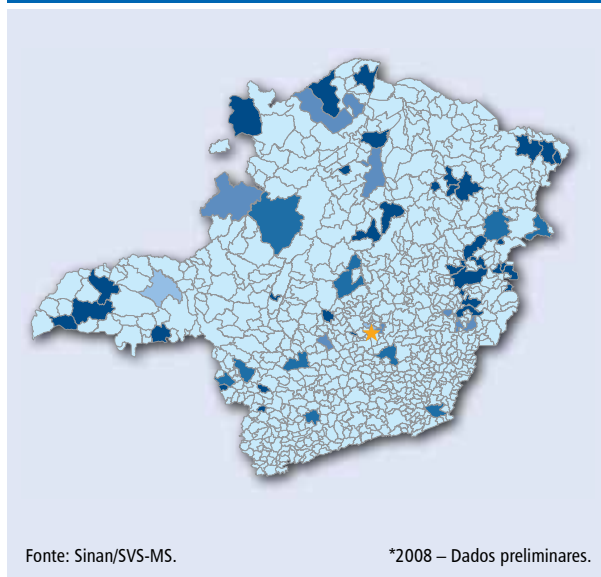
O estado de Minas Gerais, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 17,55/100.000 habitantes em 1992 e 9,75/100.000 habitantes em 2008, apresentando classificação “alta” para a média do período, segundo parâmetros oficiais, menor que a encontrada no Brasil. A região Sudeste, apresenta coeficientes com valor médio de 13,71/100.000 habitantes, variando de 16,16/100.000 em 1997 e 8,81/100.000 em 2008, tendo classificação “alta” no período, ainda que tenha tendência decrescente para o coeficiente de detecção.

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, MINAS GERAIS, REGIÃO SUDESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção de Minas Gerais nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “alta” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 57 (6,7%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, MINAS GERAIS, 2008\*.**



★ Capital  
 ■ Hiperendêmico ( $\geq 10$ )  
 ■ Muito alto (5,00 - 9,99)  
 ■ Alto (2,50 - 4,99)  
 ■ Médio (0,50 - 2,49)  
 ■ Baixo (< 0,50)

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 97,3% para o período, considerado “bom”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 8,7% e 13,1%, apresentando classificação “alta”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 73,4% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 41,8% de examinados, oscilando entre 28,6% em 2002 e 58,7% em 2008, mantendo-se com classificação “regular” desde 2007. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 79,7%, considerado “regular”, oscilando entre 70,1% em 2003 e 87,3% em 2007. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, MINAS GERAIS, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	148	2,88	2.782	15,35	99,0	10,6	50,7	42,1	87,3
2002	181	3,48	3.383	18,44	98,7	9,7	61,8	28,6	79,9
2003	196	3,72	3.359	18,10	98,9	10,3	69,9	29,8	70,1
2004	220	4,13	3.177	16,93	98,7	8,7	74,3	36,5	71,7
2005	178	3,26	3.006	15,63	97,8	10,8	67,4	41,4	71,3
2006	134	2,42	2.555	13,12	96,2	10,7	73,6	41,0	84,7
2007	112	2,26	2.212	11,22	93,7	13,1	74,7	56,2	87,3
2008	82	1,67	1.935	9,75	95,6	10,9	84,5	58,7	84,9

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> < 75,0	<b>Baixo:</b> < 5,0%	<b>Precário:</b> < 50,0	<b>Precário:</b> < 75,0
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> < 0,50/100.000 hab.	<b>Baixo:</b> < 2,00/100.000 hab.	–	–	–	–

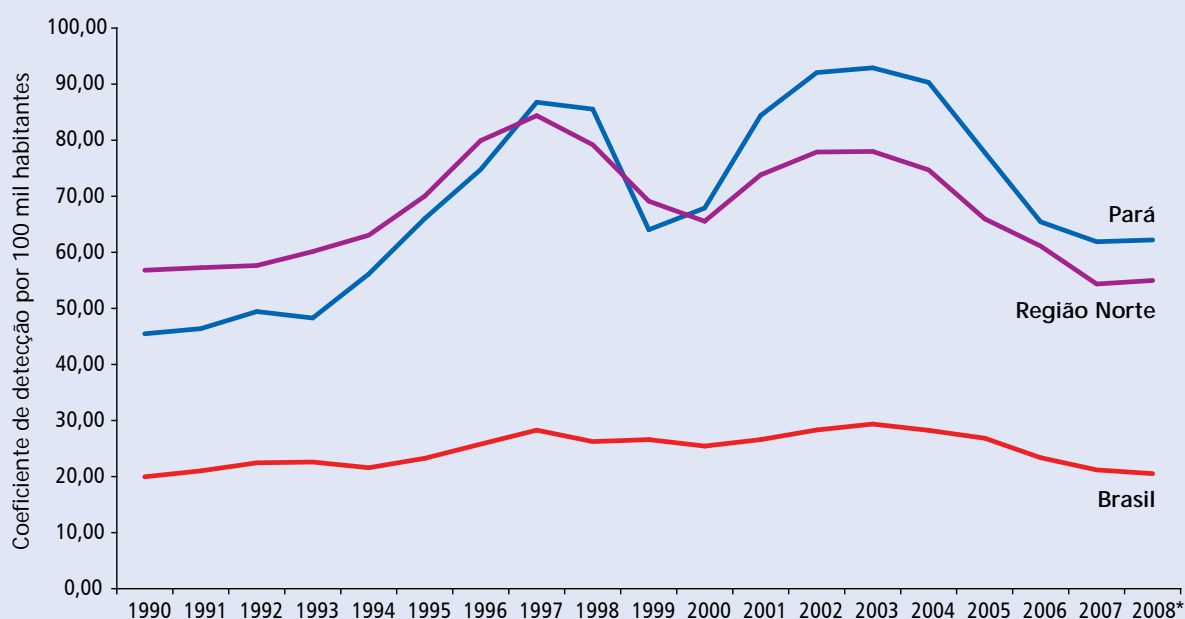




PARÁ

O estado do Pará, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 45,48/100.000 habitantes em 1990 e 92,91/100.000 habitantes em 2003, apresentando classificação “hiperendêmica”, segundo parâmetros oficiais, muito acima da encontrada no Brasil. A região Norte, apresenta coeficientes com valor médio de 67,57/100.000 habitantes, tendo classificação hiperendêmica, variando de 84,40/100.000 em 1997 e 54,34/100.000 em 2007, no período, ainda que tenha tendência decrescente para o coeficiente de detecção.

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, PARÁ, REGIÃO NORTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.

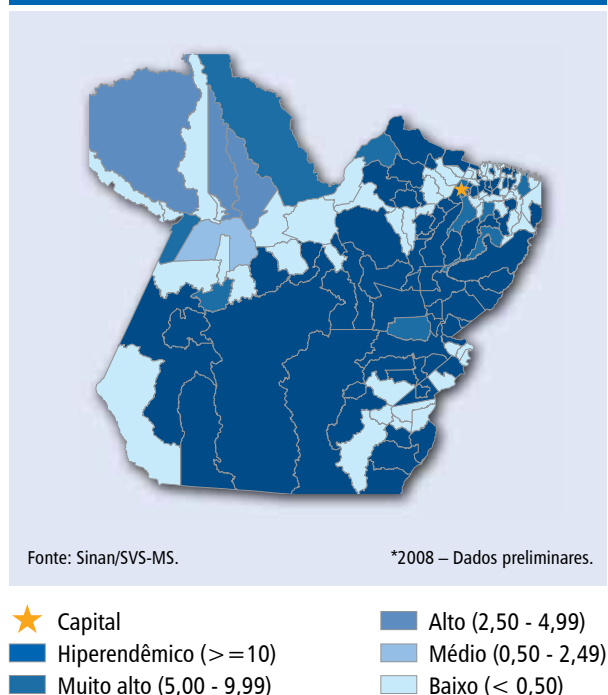


Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção do Pará nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “Hiperendêmica” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 87 (60,8%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, PARÁ, 2008\*.**



Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 90,3% para o período, considerado “bom”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 3,4% e 7,3%, apresentando classificação de “baixa” para “média”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “regular” no período, com média de 54,8% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 41% de examinados, oscilando entre 67,5% em 2001 e 30,8% em 2004, mantendo-se com classificação “precária” desde 2002. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 75,6%, considerado “regular”, oscilando entre 85,5% em 2001 e 70,5% em 2003. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, PARÁ, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	645	27,42	5.353	84,41	92,8	4,3	60,1	67,5	85,5
2002	703	29,37	5.941	92,06	88,6	5,0	55,5	42,4	73,9
2003	714	29,27	6.109	92,91	89,9	3,7	53,2	31,0	70,5
2004	722	29,07	6.047	90,31	89,6	3,8	53,5	30,8	68,0
2005	642	24,83	5.424	77,81	90,9	4,2	54,5	36,2	71,4
2006	533	20,20	4.654	65,45	92,3	3,4	51,5	32,2	82,9
2007	487	20,41	4.487	61,90	88,9	7,3	49,4	41,0	78,2
2008	483	20,40	4.554	62,20	89,7	5,9	60,7	46,7	74,5

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

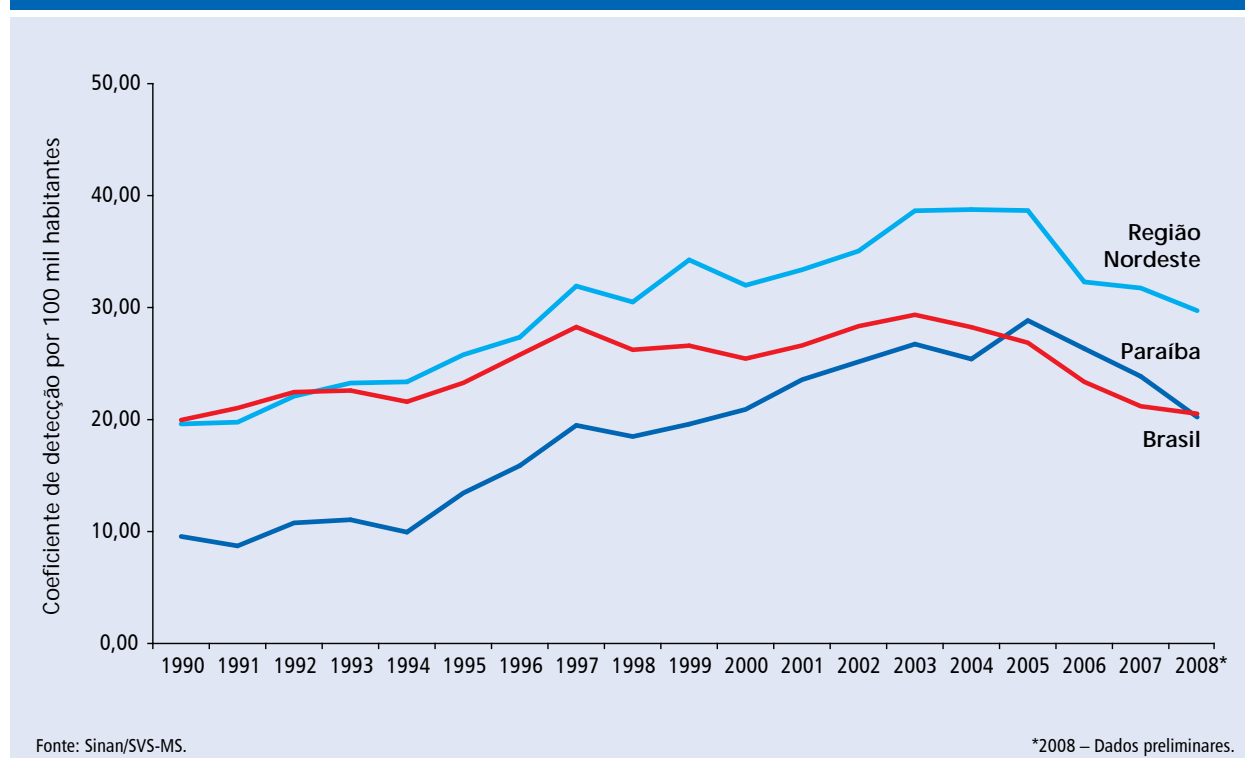
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–



## PARAÍBA

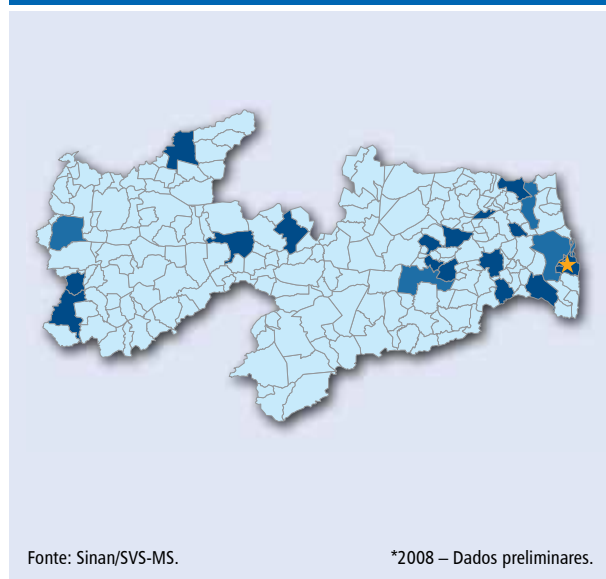
O estado da Paraíba, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente tardia, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 8,72/100.000 habitantes em 1991 e 26,74/100.000 habitantes em 2003, apresentando classificação “alta”, segundo parâmetros oficiais, semelhante à encontrada no Brasil. A região nordeste, apresenta coeficientes com valor médio de 29,90/100.000 habitantes, variando de 19,60/100.000 em 1990 e 38,75/100.000 em 2004, tendo classificação “muito alta” no período, ainda que tenha tendência decrescente no final do período para o coeficiente de detecção.

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, PARAÍBA, REGIÃO NORDESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção da Paraíba nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “muito alta” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 22 (9,9%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, PARAÍBA, 2008\*.**



★ Capital  
 ■ Hiperendêmico ( $\geq 10$ )  
 ■ Muito alto (5,00 - 9,99)  
 ■ Alto (2,50 - 4,99)  
 ■ Médio (0,50 - 2,49)  
 ■ Baixo ( $< 0,50$ )

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 86,4% para o período, considerado “regular”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 4,2% e 8,9, apresentando classificação de “baixa” para “média”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 60,7% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 37,7% de examinados, oscilando entre 44,4% em 2002 e 32,7% em 2007, mantendo-se com classificação “precária” desde 2001. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 75,3%, considerado “regular”, oscilando entre 58% em 2003 e 85,9% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, PARAÍBA, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	74	6,78	817	23,55	85,8	7,4	59,9	35,9	84,2
2002	75	6,82	879	25,15	89,4	6,2	68,1	44,4	77,7
2003	88	7,96	941	26,74	91,2	4,9	69,5	34,3	58,0
2004	63	5,66	900	25,41	91,9	4,2	62,8	35,0	72,2
2005	80	7,08	1.037	28,84	90,5	4,4	57,8	41,7	73,9
2006	76	6,68	954	26,33	89,4	5,3	56,2	38,2	85,9
2007	55	5,48	871	23,86	76,3	8,9	51,9	32,7	77,0
2008	63	6,21	757	20,23	76,9	8,9	59,4	39,4	73,9

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

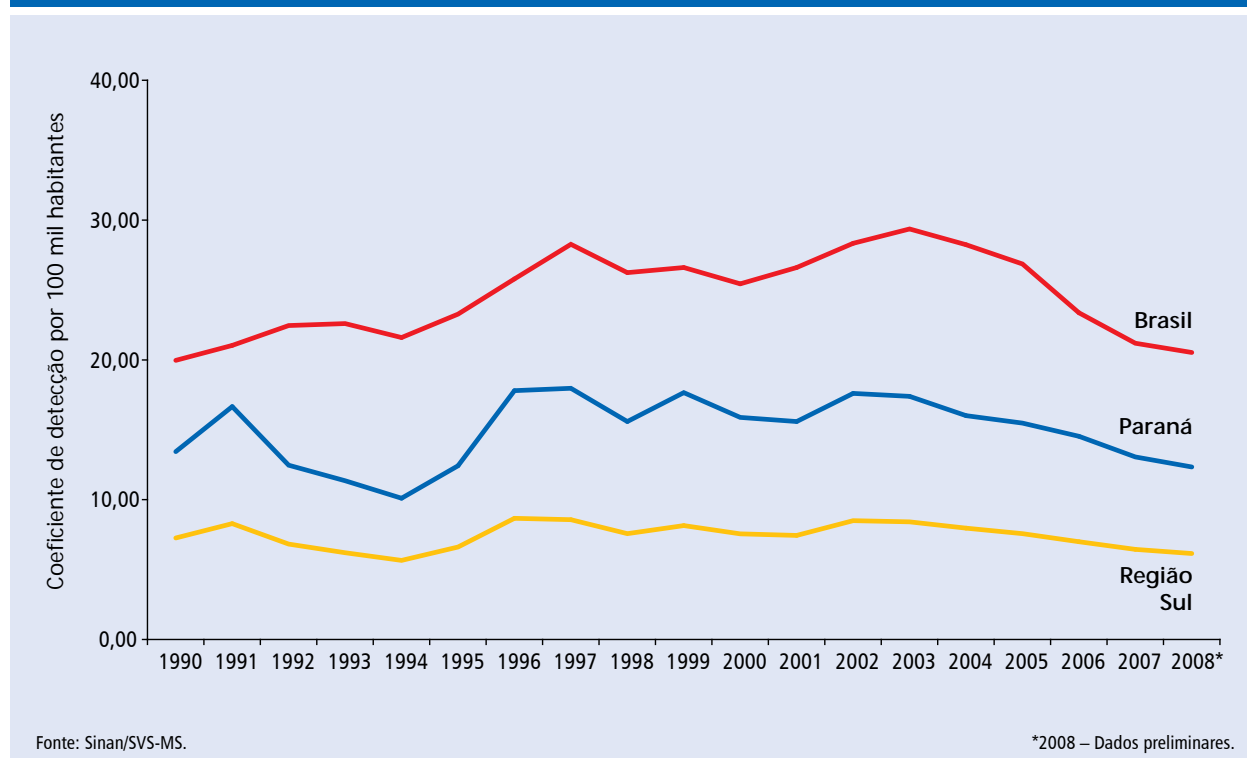
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–



## PARANÁ

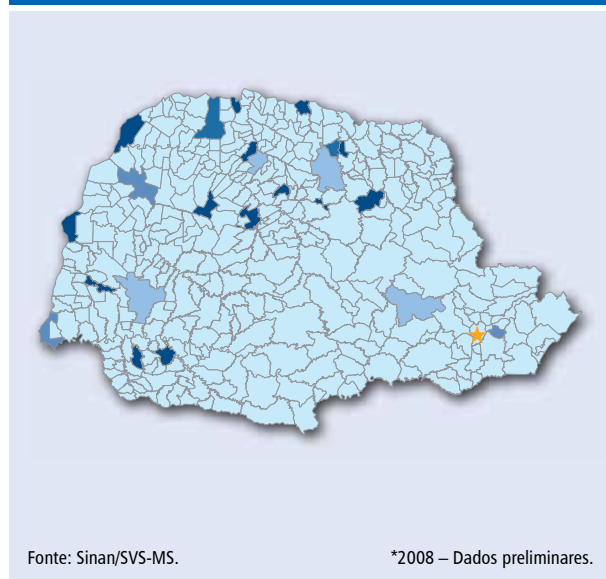
O estado do Paraná, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), não apresenta tendência estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 10,10/100.000 habitantes em 1994 e 17,97/100.000 habitantes em 1997, apresentando classificação “alta”, segundo parâmetros oficiais, menor que a encontrada no Brasil. A região Sul, apresenta coeficientes com valor médio de 7,41/100.000 habitantes, variando de 5,66/100.000 em 1994 e 8,67/100.000 em 1996, tendo classificação “média” no período, não apresentando tendência temporal estatisticamente significativa para o coeficiente de detecção.

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, PARANÁ, REGIÃO SUL E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção do Paraná nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “média” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 23 (5,8%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que os municípios desse estado não estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, PARANÁ, 2008\*.**



- ★ Capital
- Hiperendêmico ( $\geq 10$ )
- Muito alto (5,00 - 9,99)
- Alto (2,50 - 4,99)
- Médio (0,50 - 2,49)
- Baixo (< 0,50)

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 89,3% para o período, considerado “regular”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 8% e 14,3%, apresentando classificação de “média” para “alta” no período, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 63,2% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 71,4% de examinados, oscilando entre 88,9% em 2002 e 56,9% em 2006, mantendo-se com classificação “regular” desde 2001. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 84%, considerado “regular”, oscilando entre 76,5% em 2005 e 89,7% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, PARANÁ, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	30	1,08	1.512	15,60	85,3	11,5	59,3	81,2	87,3
2002	34	1,21	1.725	17,61	86,5	8,0	56,0	88,9	82,5
2003	61	2,14	1.723	17,39	88,9	8,8	61,0	60,1	79,8
2004	42	1,46	1.604	16,02	89,8	10,1	61,2	68,6	80,7
2005	43	1,46	1.588	15,47	90,8	9,8	59,6	70,8	76,5
2006	29	0,97	1.510	14,54	90,1	8,3	63,0	56,9	89,7
2007	25	0,94	1.373	13,06	90,9	14,3	65,0	69,6	88,1
2008	25	0,96	1.306	12,33	92,1	11,9	80,4	74,9	87,5

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> < 75,0	<b>Baixo:</b> < 5,0%	<b>Precário:</b> < 50,0	<b>Precário:</b> < 75,0
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> < 0,50/100.000 hab.	<b>Baixo:</b> < 2,00/100.000 hab.	–	–	–	–

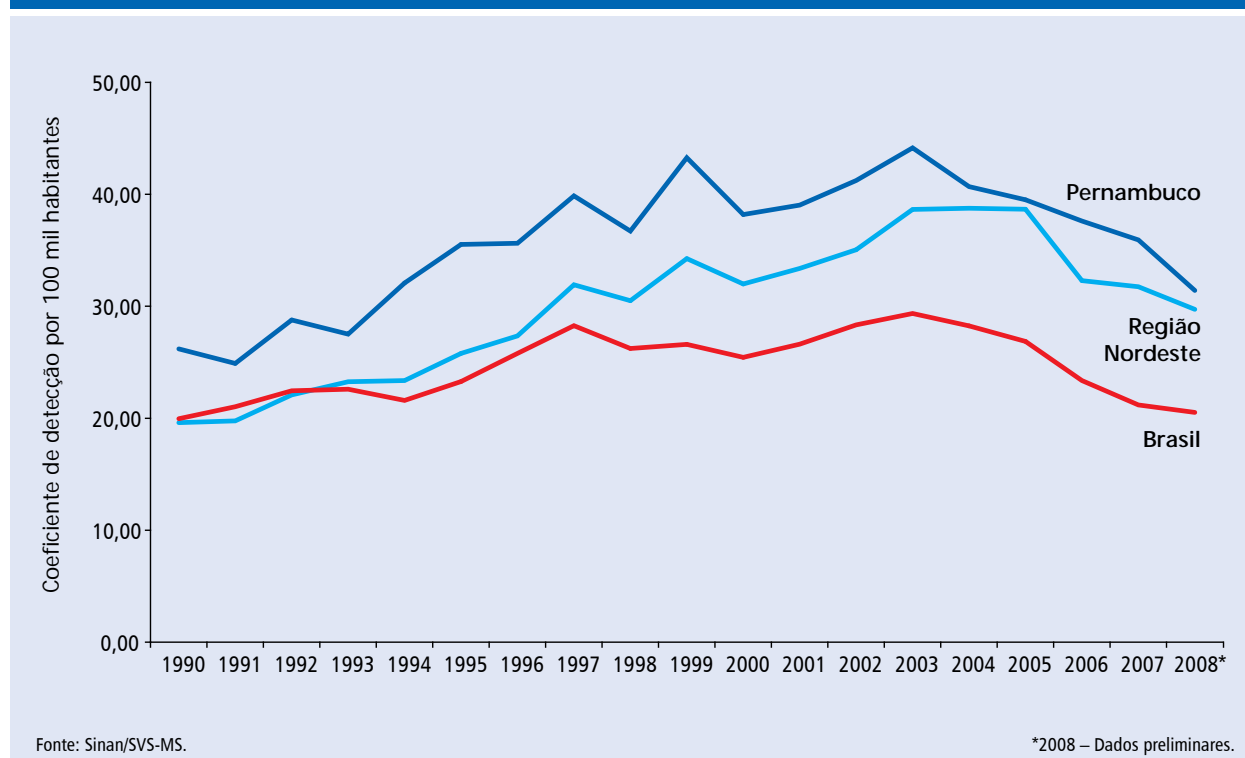




## PERNAMBUCO

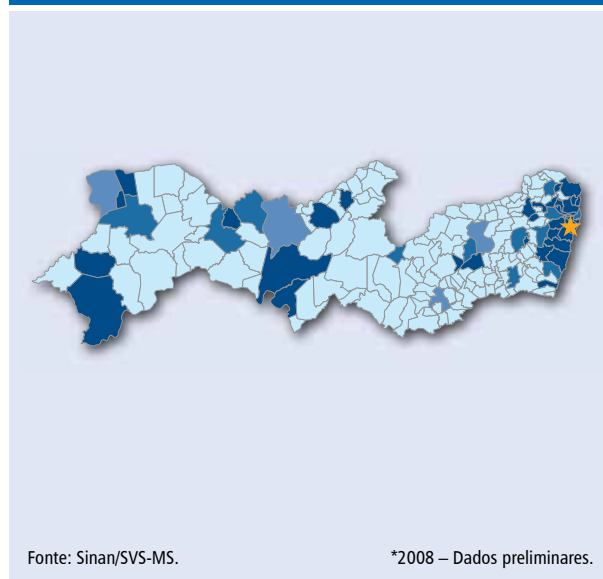
O estado de Pernambuco, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 24,89/100.000 habitantes em 1991 e 44,14/100.000 habitantes em 2003, apresentando classificação “muito alta”, segundo parâmetros oficiais, muito acima da encontrada no Brasil. A região nordeste, apresenta coeficientes com valor médio de 29,90/100.000 habitantes, variando de 19,60/100.000 em 1990 e 38,75/100.000 em 2004, tendo classificação “muito alta” no período, ainda que tenha tendência decrescente no final do período para o coeficiente de detecção.

**GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, PERNAMBUCO, REGIÃO NORDESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.**



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção de Pernambuco nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “hiperendêmica” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 49 (26,5%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, PERNAMBUCO, 2008\*.**



- ★ Capital
- Hiperendêmico ( $\geq 10$ )
- Muito alto (5,00 - 9,99)
- Alto (2,50 - 4,99)
- Médio (0,50 - 2,49)
- Baixo ( $< 0,50$ )

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 89,2% para o período, considerado “regular”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 3,5% e 7,2%, apresentando classificação de “baixa” para “média”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 44,3% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 54,3% de examinados, oscilando entre 41,1% em 2003 e 61,6% em 2001, mantendo-se com classificação “precária”. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 70,1%, considerado “precário”, oscilando entre 55,5% em 2003 e 88,1% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, PERNAMBUCO, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	365	14,66	3.126	39,03	90,0	3,5	55,4	61,6	73,5
2002	327	13,01	3.333	41,23	88,8	4,7	41,6	51,6	59,8
2003	384	15,13	3.603	44,14	84,3	3,7	29,6	41,1	55,5
2004	352	13,74	3.352	40,69	85,9	5,8	33,3	50,0	56,8
2005	338	12,93	3.324	39,51	90,2	5,5	35,2	61,3	65,5
2006	350	13,25	3.198	37,61	92,9	5,2	51,4	59,8	88,1
2007	341	14,35	3.087	35,93	91,5	7,2	49,9	52,8	81,3
2008	285	11,95	2.743	31,41	89,6	6,5	58,2	56,1	80,5

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

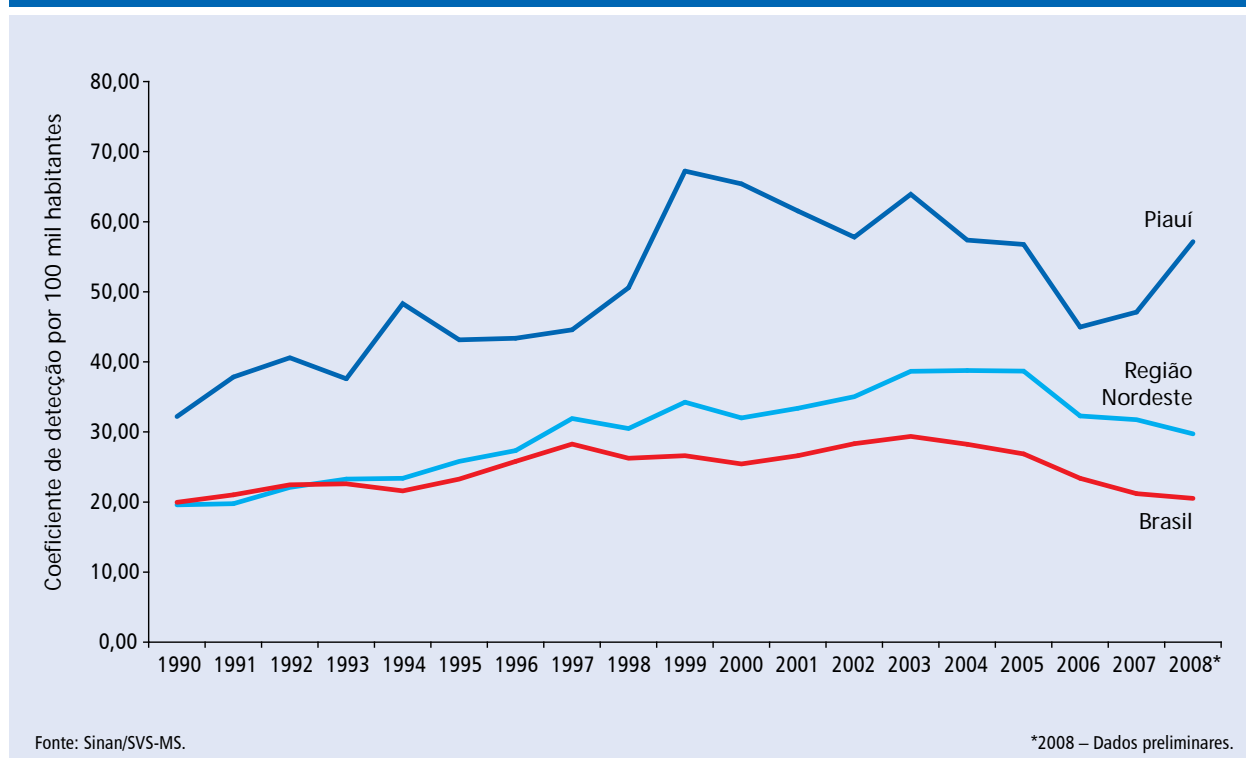
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–



# PIAUÍ

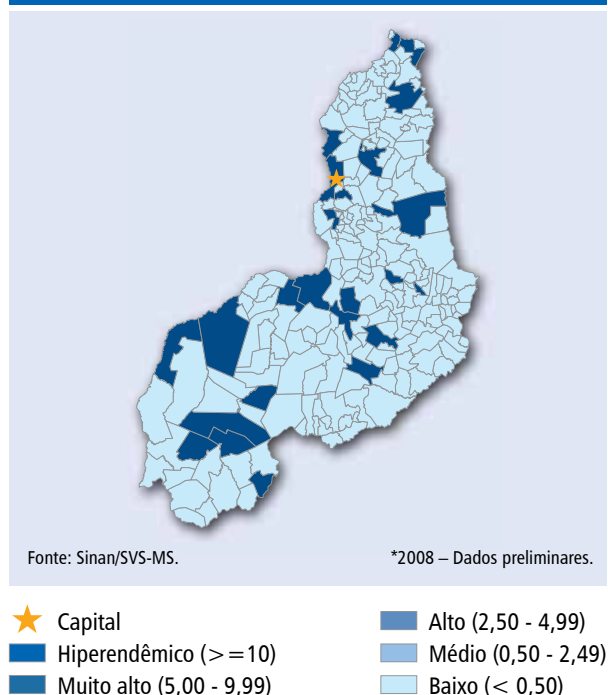
O estado do Piauí, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 32,18/100.000 habitantes em 1990 e 67,22/100.000 habitantes em 1999, apresentando classificação “hiperendêmica”, segundo parâmetros oficiais, muito acima da encontrada no Brasil. A região nordeste, apresenta coeficientes com valor médio de 29,90/100.000 habitantes, variando de 19,60/100.000 em 1990 e 38,75/100.000 em 2004, tendo classificação “muito alta” no período, ainda que tenha tendência decrescente no final do período para o coeficiente de detecção.

**GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, PIAUÍ, REGIÃO NORDESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.**



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção do Piauí nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “hiperendêmica” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 24 (10,8%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, PIAUÍ, 2008\*.**



Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 93,6% para o período, considerado “bom”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 3% e 8,1, apresentando classificação de “baixa” para “média”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 65% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 53,3% de examinados, oscilando entre 109,2% em 2001 e 34,4% em 2008, mantendo-se com classificação “precária” desde 2003. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 73,7%, considerado “precário”, oscilando entre 58,1% em 2005 e 82,2% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, PIAUÍ, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	139	14,42	1.768	61,54	94,1	5,1	49,6	109,2	81,0
2002	140	14,39	1.675	57,79	93,7	4,7	67,5	69,6	76,0
2003	166	16,92	1.869	63,93	93,6	3,0	64,4	35,2	76,4
2004	143	14,45	1.692	57,37	94,9	4,9	66,8	41,2	63,5
2005	150	14,87	1.707	56,77	96,0	4,1	70,1	45,5	58,1
2006	141	13,85	1.365	44,96	93,8	5,0	78,5	43,2	82,2
2007	110	12,01	1.444	47,11	91,1	8,1	57,6	48,4	77,6
2008	153	16,53	1.783	57,15	91,8	6,1	65,7	34,4	75,1

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

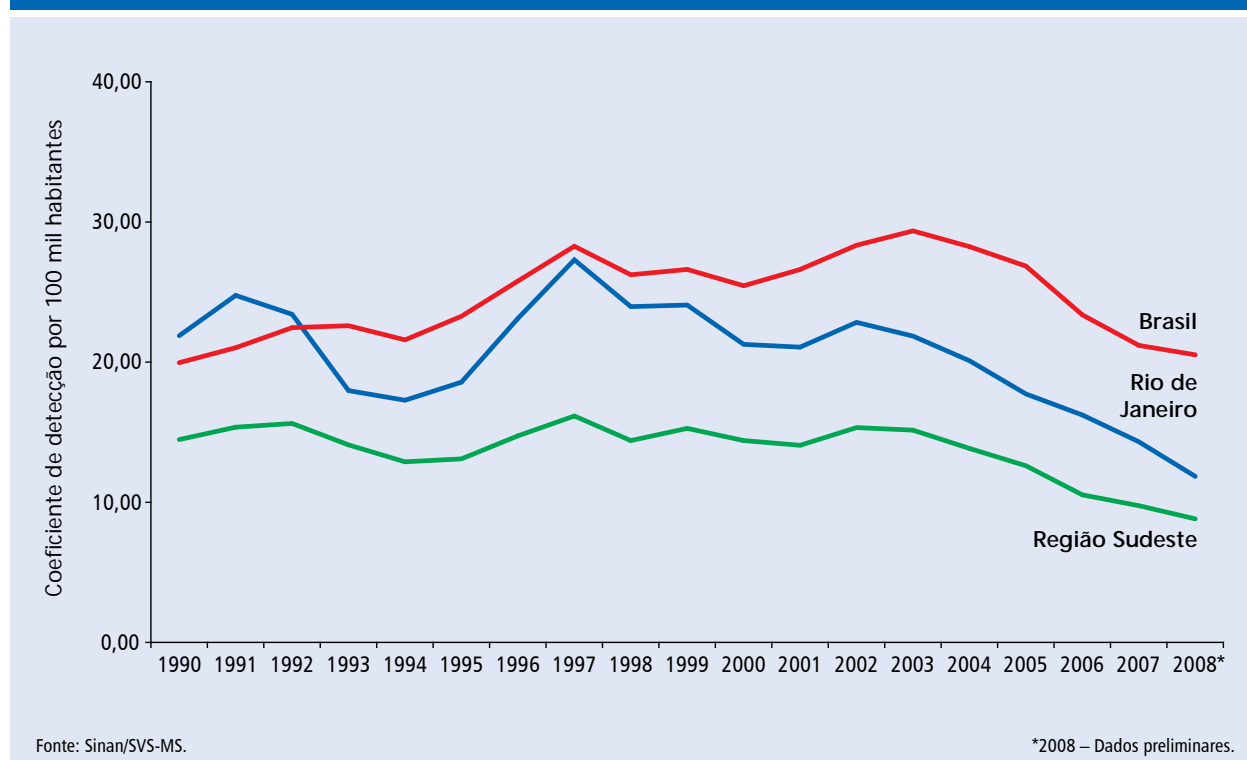
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> < 75,0	<b>Baixo:</b> < 5,0%	<b>Precário:</b> < 50,0	<b>Precário:</b> < 75,0
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> < 0,50/100.000 hab.	<b>Baixo:</b> < 2,00/100.000 hab.	–	–	–	–



## RIO DE JANEIRO

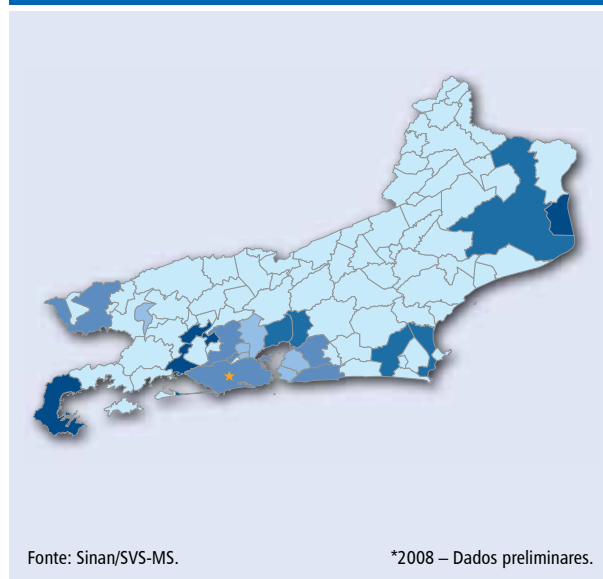
O estado do Rio de Janeiro, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 27,30/100.000 habitantes em 1997 e 11,84/100.000 habitantes em 2008, apresentando classificação “muito alta” para a média do período, segundo parâmetros oficiais, menor que a encontrada no Brasil. A região Sudeste, apresenta coeficientes com valor médio de 13,71/100.000 habitantes, variando de 16,16/100.000 em 1997 e 8,81/100.000 em 2008, tendo classificação “alta” no período, ainda que tenha tendência decrescente para o coeficiente de detecção.

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, RIO DE JANEIRO, REGIÃO SUDESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção do Rio de Janeiro nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “muito alta” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 22 (23,9%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que os municípios desse estado não estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, RIO DE JANEIRO, 2008\*.**



- ★ Capital
- Hiperendêmico ( $\geq 10$ )
- Muito alto (5,00 - 9,99)
- Alto (2,50 - 4,99)
- Médio (0,50 - 2,49)
- Baixo ( $< 0,50$ )

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 88,4% para o período, considerado “regular”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 5,8% e 12,7%, apresentando classificação de “média” para “alta”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 69,4% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 48,3% de examinados, oscilando entre 78,4% em 2001 e 36,6% em 2007, mantendo-se com classificação “precária” desde 2006. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 76,8%, considerado “regular”, oscilando entre 64,8% em 2003 e 84,2% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, RIO DE JANEIRO, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coeficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coeficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	220	6,00	3.066	21,06	84,9	8,1	71,1	78,4	81,9
2002	187	5,04	3.362	22,83	86,3	7,1	68,1	51,6	77,2
2003	218	5,81	3.251	21,85	90,1	6,5	67,0	39,5	64,8
2004	202	5,33	3.022	20,10	88,8	8,0	66,1	44,1	66,9
2005	179	4,61	2.726	17,72	91,2	5,8	68,9	51,2	76,0
2006	172	4,38	2.524	16,22	90,2	8,1	68,1	39,1	84,2
2007	137	3,69	2.252	14,31	85,2	12,7	64,9	36,6	83,9
2008	99	2,69	1.880	11,84	90,7	8,4	81,1	45,8	79,2

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–

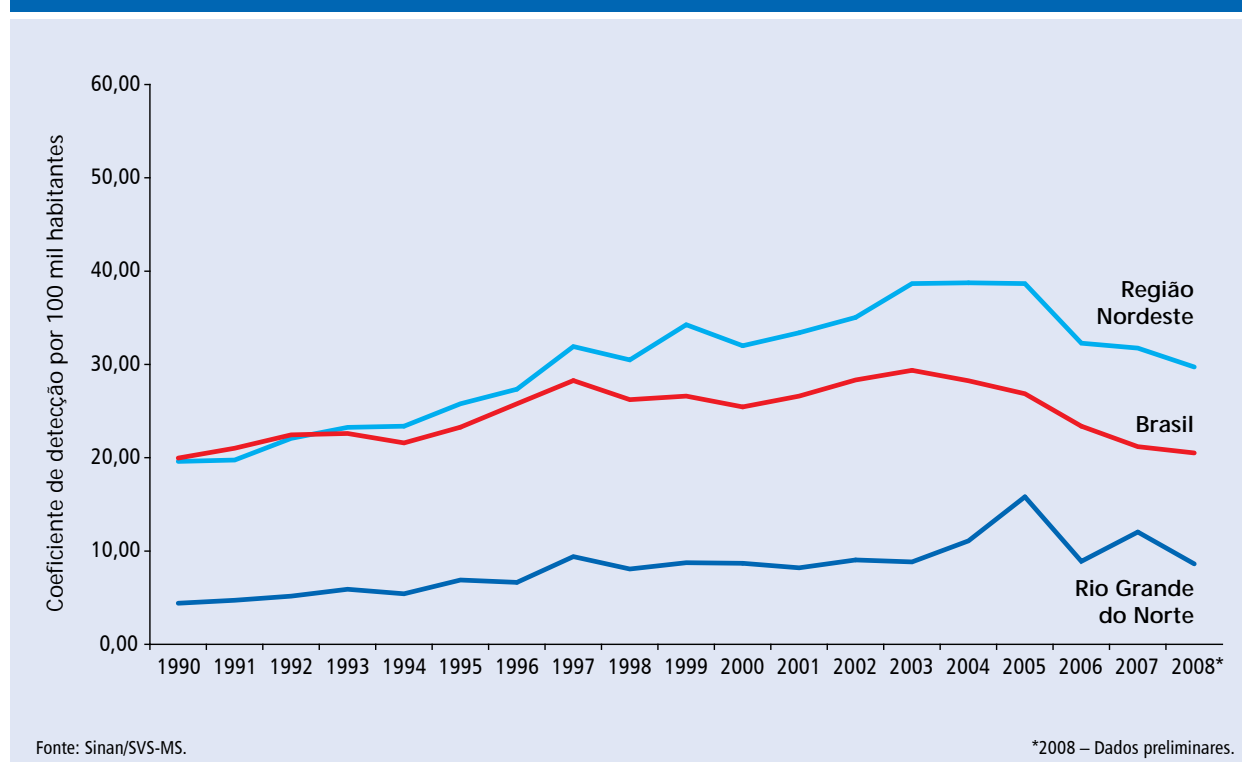




## RIO GRANDE DO NORTE

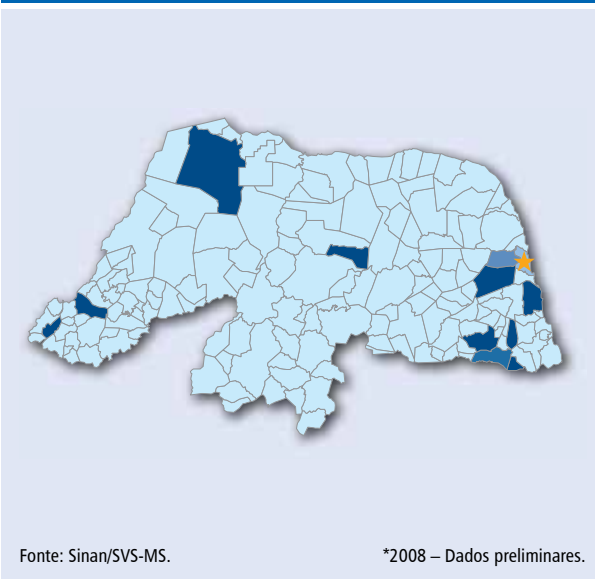
O estado do Rio Grande do Norte, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 4,40/100.000 habitantes em 1990 e 15,82/100.000 habitantes em 2005, apresentando classificação “média”, segundo parâmetros oficiais, menor que a encontrada no Brasil. A região nordeste, apresenta coeficientes com valor médio de 29,90/100.000 habitantes, variando de 19,60/100.000 em 1990 e 38,75/100.000 em 2004, tendo classificação “muito alta” no período, ainda que tenha tendência decrescente no final do período para o coeficiente de detecção.

**GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, RIO GRANDE DO NORTE, REGIÃO NORDESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.**



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção do Rio Grande do Norte nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “média” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 12 (7,2%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que os municípios desse estado não estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, RIO GRANDE DO NORTE, 2008\*.**



- ★ Capital
- Hiperendêmico ( $\geq 10$ )
- Muito alto (5,00 - 9,99)
- Alto (2,50 - 4,99)
- Médio (0,50 - 2,49)
- Baixo (< 0,50)

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 84,5% para o período, considerado “regular”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 6% e 12%, apresentando classificação de “média” para “alta”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 53,6% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 64,2% de examinados, oscilando entre 94,7% em 2001 e 16,3% em 2007, mantendo-se com classificação “precária” desde 2004. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 68,2%, considerado “precário”, oscilando entre 85,3% em 2001 e 42,8% em 2004. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, RIO GRANDE DO NORTE, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	13	1,46	231	8,21	75,8	6,3	69,1	94,7	85,3
2002	16	1,77	258	9,04	77,5	6,0	69,7	22,1	83,0
2003	16	1,75	255	8,83	79,6	8,9	62,3	56,3	61,7
2004	28	3,03	324	11,08	92,9	6,3	50,8	36,9	42,8
2005	44	4,63	475	15,82	87,2	11,1	43,2	34,6	61,5
2006	24	2,49	271	8,90	87,1	6,4	42,3	25,3	76,6
2007	36	4,21	371	12,03	87,4	12,0	31,5	16,3	64,5
2008	26	3,07	268	8,63	88,4	8,4	59,6	27,6	70,6

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

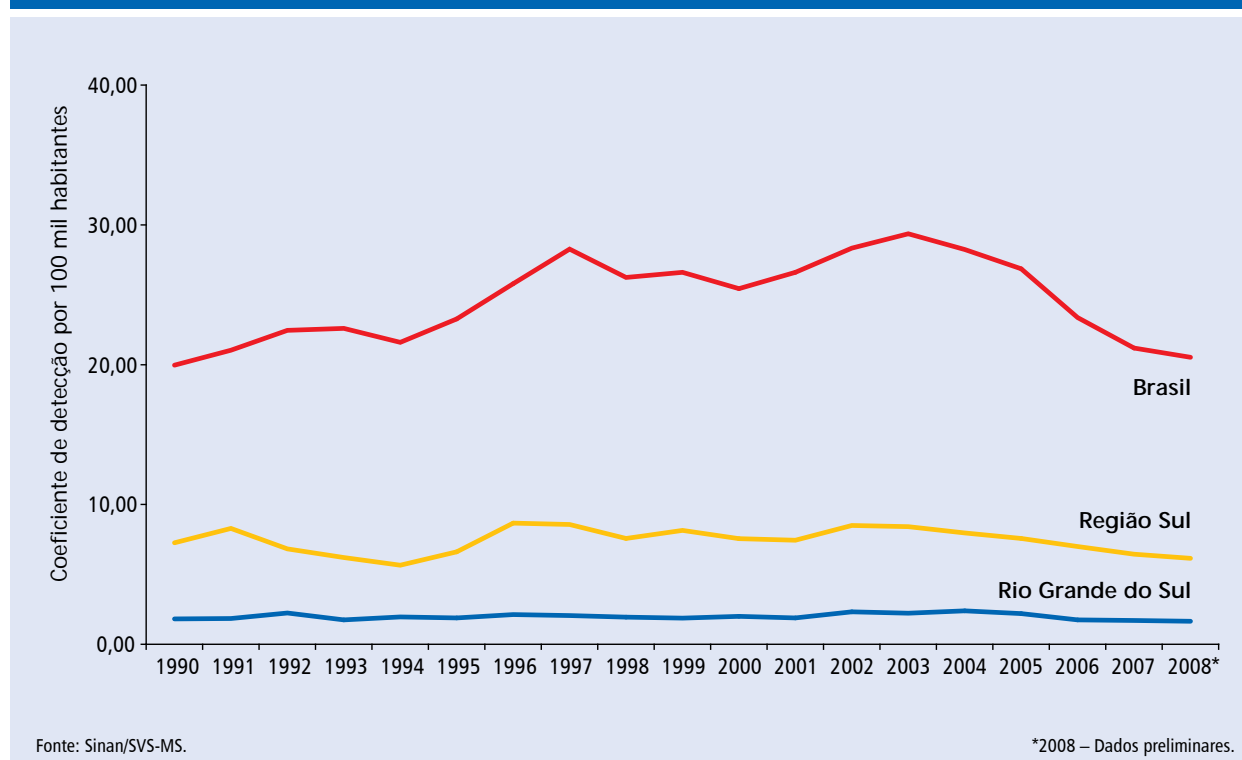
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> < 75,0	<b>Baixo:</b> < 5,0%	<b>Precário:</b> < 50,0	<b>Precário:</b> < 75,0
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> < 0,50/100.000 hab.	<b>Baixo:</b> < 2,00/100.000 hab.	–	–	–	–



## RIO GRANDE DO SUL

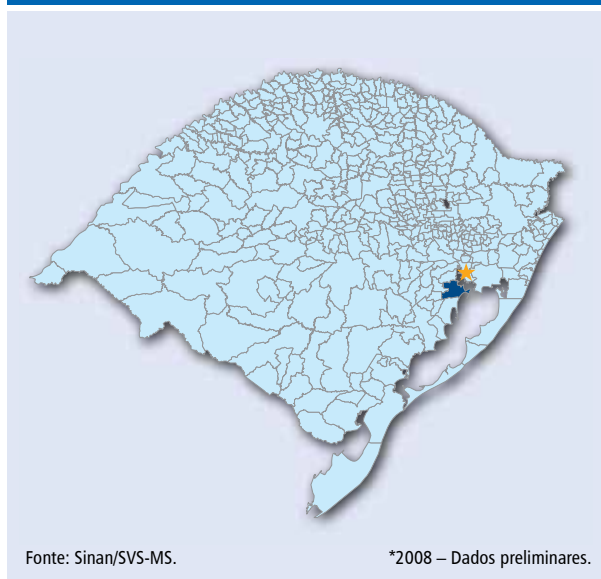
O estado Rio Grande do Sul, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), não apresenta tendência estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 2,39/100.000 habitantes em 2004 e 1,65/100.000 habitantes em 2008, apresentando classificação “baixa”, segundo parâmetros oficiais, muito abaixo que a encontrada no Brasil. A região Sul, apresenta coeficientes com valor médio de 7,41/100.000 habitantes, variando de 5,66/100.000 em 1994 e 8,67/100.000 em 1996, tendo classificação “média” no período, não apresentando tendência temporal estatisticamente significativa para o coeficiente de detecção.

**GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, RIO GRANDE DO SUL, REGIÃO SUL E BRASIL, 1990 A 2008\*.**



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção do Rio Grande do Sul nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “baixa” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 02 (0,4%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que os municípios desse estado não estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, RIO GRANDE DO SUL, 2008\*.**



- ★ Capital
- Hiperendêmico ( $\geq 10$ )
- Muito alto (5,00 - 9,99)
- Alto (2,50 - 4,99)
- Médio (0,50 - 2,49)
- Baixo (< 0,50)

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 95,6% para o período, considerado “bom”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 6,9% e 16,5%, apresentando classificação “alta”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 46,8% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 65,7% de examinados, oscilando entre 37,7% em 2002 e 88,3% em 2005, mantendo-se com classificação “regular desde 2006. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 82,4%, considerado “regular”, oscilando entre 70,1% em 2003 e 95% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, RIO GRANDE DO SUL, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	4	0,15	194	1,88	99,0	8,3	18,2	53,5	86,4
2002	6	0,22	242	2,33	93,0	13,8	22,3	37,7	78,0
2003	5	0,18	234	2,23	94,4	8,1	28,2	64,5	70,1
2004	9	0,33	254	2,39	96,5	6,9	53,3	83,3	80,0
2005	2	0,07	238	2,19	99,2	16,1	67,5	88,3	92,1
2006	0	0,00	191	1,74	97,4	9,7	56,5	72,6	95,0
2007	4	0,16	189	1,71	93,1	16,5	54,2	64,9	83,5
2008	2	0,08	179	1,65	92,2	15,8	73,8	60,6	73,8

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

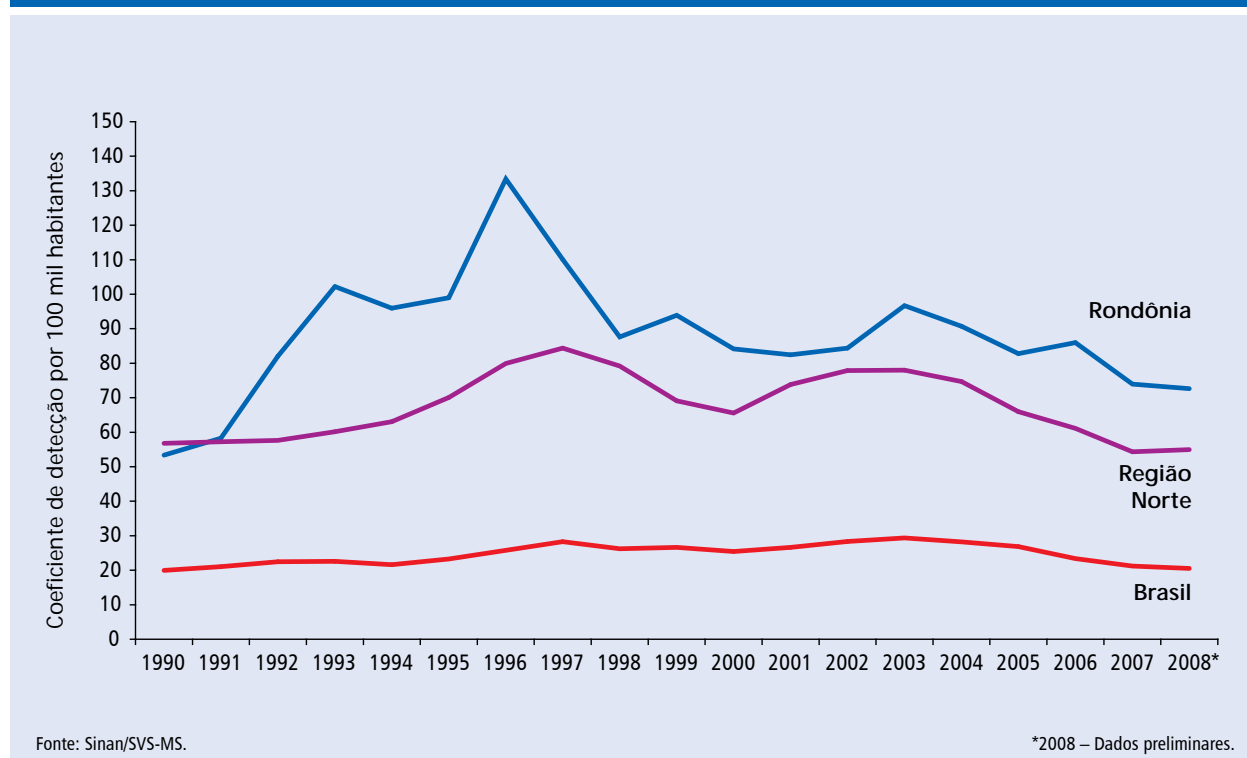
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> < 75,0	<b>Baixo:</b> < 5,0%	<b>Precário:</b> < 50,0	<b>Precário:</b> < 75,0
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> < 0,50/100.000 hab.	<b>Baixo:</b> < 2,00/100.000 hab.	–	–	–	–



## RONDÔNIA

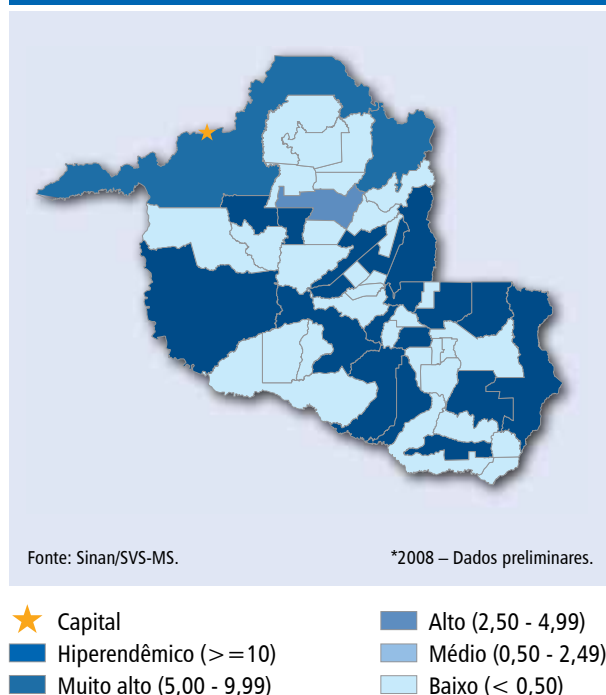
O estado de Rondônia, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 133,41/100.000 habitantes em 1996 e 72,64/100.000 habitantes em 2008, apresentando classificação “hiperendêmica”, segundo parâmetros oficiais, muito acima da encontrada no Brasil. A região Norte, apresenta coeficientes com valor médio de 67,57/100.000 habitantes, tendo classificação hiperendêmica, variando de 84,40/100.000 em 1997 e 54,34/100.000 em 2007, no período, ainda que tenha tendência decrescente para o coeficiente de detecção.

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, RONDÔNIA, REGIÃO NORTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção de Rondônia, nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “hiperendêmica” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 21 (40,4%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, RONDÔNIA, 2008\*.**



Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 97% para o período, considerado “bom”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 3,7% em 2001 e 8,0% em 2008, apresentando classificação “baixa” para “média”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “regular” no período, com média de 83,5% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 67,5% de examinados, oscilando entre 73,1% em 2001 e 60,6% em 2006, mantendo-se com classificação “precária”. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 78,3%, considerado “regular”, oscilando entre 87,6% em 2001 e 65,9% em 2004. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, RONDÔNIA, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	71	14,61	1.161	82,46	97,2	3,7	98,7	73,1	87,6
2002	86	17,40	1.208	84,37	96,9	5,0	89,8	72,6	83,5
2003	118	23,46	1.408	96,71	96,8	7,5	82,8	67,2	68,4
2004	107	20,92	1.342	90,68	97,8	5,0	81,2	64,1	65,9
2005	74	13,94	1.270	82,76	98,1	7,3	83,9	68,5	67,0
2006	106	19,60	1.343	85,96	98,3	5,7	79,9	60,6	88,2
2007	79	16,28	1.176	73,96	96,7	7,0	70,5	66,2	81,6
2008	83	18,62	1.085	72,64	94,1	8,0	81,2	67,4	84,4

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> < 75,0	<b>Baixo:</b> < 5,0%	<b>Precário:</b> < 50,0	<b>Precário:</b> < 75,0
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> < 0,50/100.000 hab.	<b>Baixo:</b> < 2,00/100.000 hab.	–	–	–	–

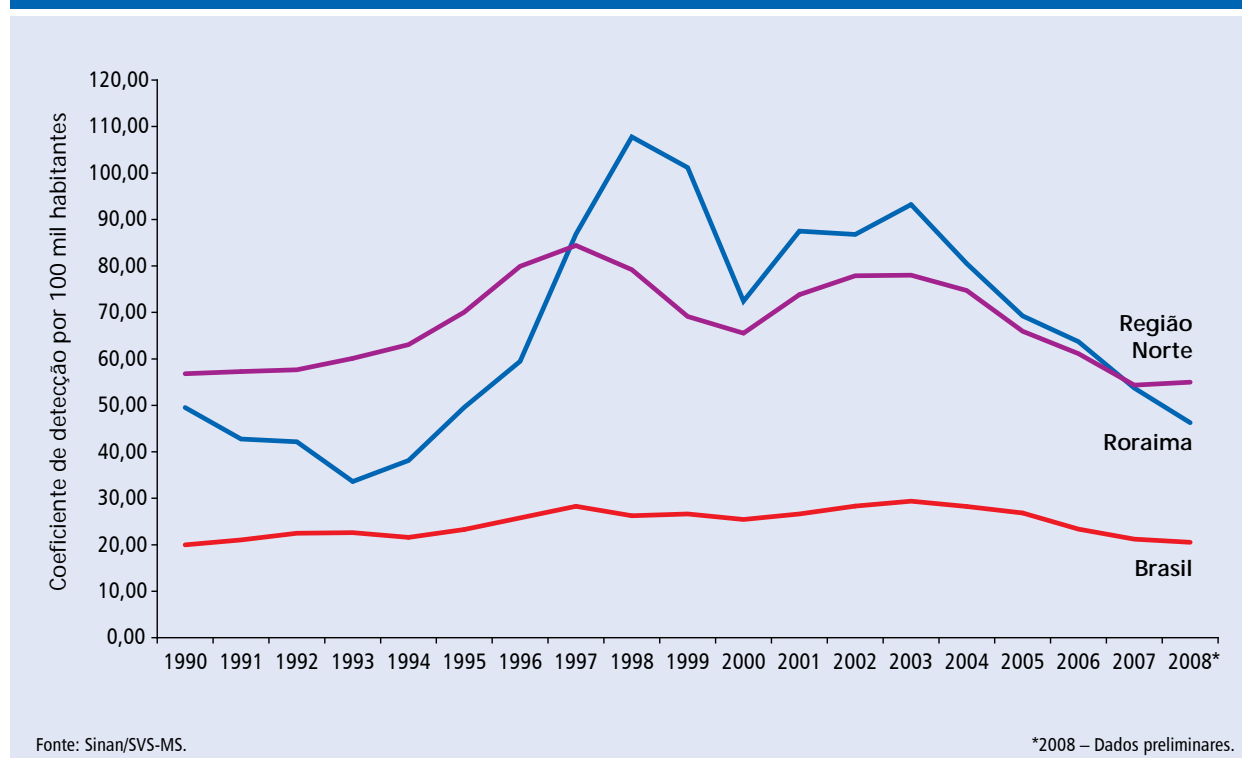




## RORAIMA

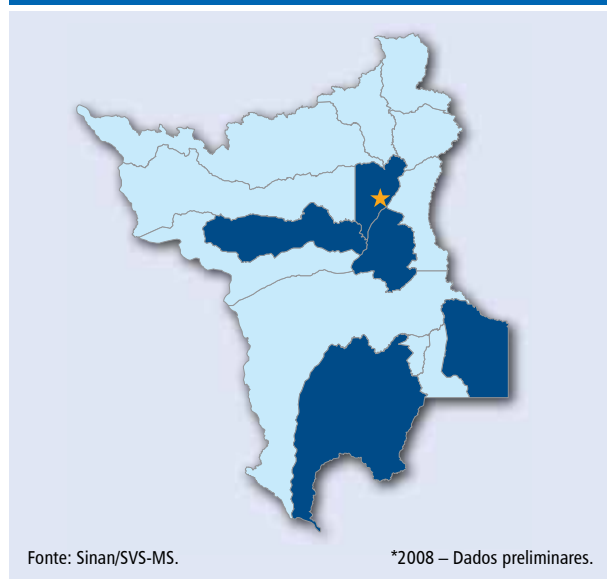
O estado de Roraima, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência ascendente para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 33,60/100.000 habitantes em 1993 e 107,79/100.000 habitantes em 1998, apresentando classificação “hiperendêmica”, segundo parâmetros oficiais, muito acima da encontrada no Brasil. A região Norte, apresenta coeficientes com valor médio de 67,57/100.000 habitantes, tendo classificação hiperendêmica, variando de 84,40/100.000 em 1997 e 54,34/100.000 em 2007, no período, ainda que tenha tendência decrescente para o coeficiente de detecção.

**GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, RORAIMA, REGIÃO NORTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.**



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção de Roraima nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “hiperendêmica” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 05 (33,3%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, RORAIMA, 2008\*.**



- ★ Capital
- Hiperendêmico ( $\geq 10$ )
- Muito alto (5,00 - 9,99)
- Alto (2,50 - 4,99)
- Médio (0,50 - 2,49)
- Baixo ( $< 0,50$ )

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 89% para o período, considerado “regular”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 4,9 e 13,8%, apresentando classificação de “baixa” para “alta”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada precária no período, com média de 27,5% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 48,6% de examinados, oscilando entre 37,6% em 2001 e 57,7% em 2004, mantendo-se com classificação de “precária” para “regular”. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 75,7%, considerado “regular”, oscilando entre 88,8% em 2001 e 66,4% em 2008 mostrando piora no período. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, RORAIMA, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coeficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coeficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	31	23,88	295	87,47	87,5	7,4	28,7	37,6	88,8
2002	36	26,97	301	86,78	80,7	8,6	35,9	41,7	84,3
2003	36	26,18	333	93,20	91,3	7,6	36,1	48,5	75,1
2004	34	24,03	296	80,50	89,5	6,8	17,9	57,7	68,5
2005	36	23,91	271	69,25	92,6	6,0	20,4	55,7	67,7
2006	34	21,91	257	63,72	96,1	4,9	14,8	43,2	80,5
2007	17	11,47	223	53,70	88,3	13,8	22,9	54,1	74,7
2008	20	13,72	191	46,27	85,9	9,1	43,4	50,1	66,4

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

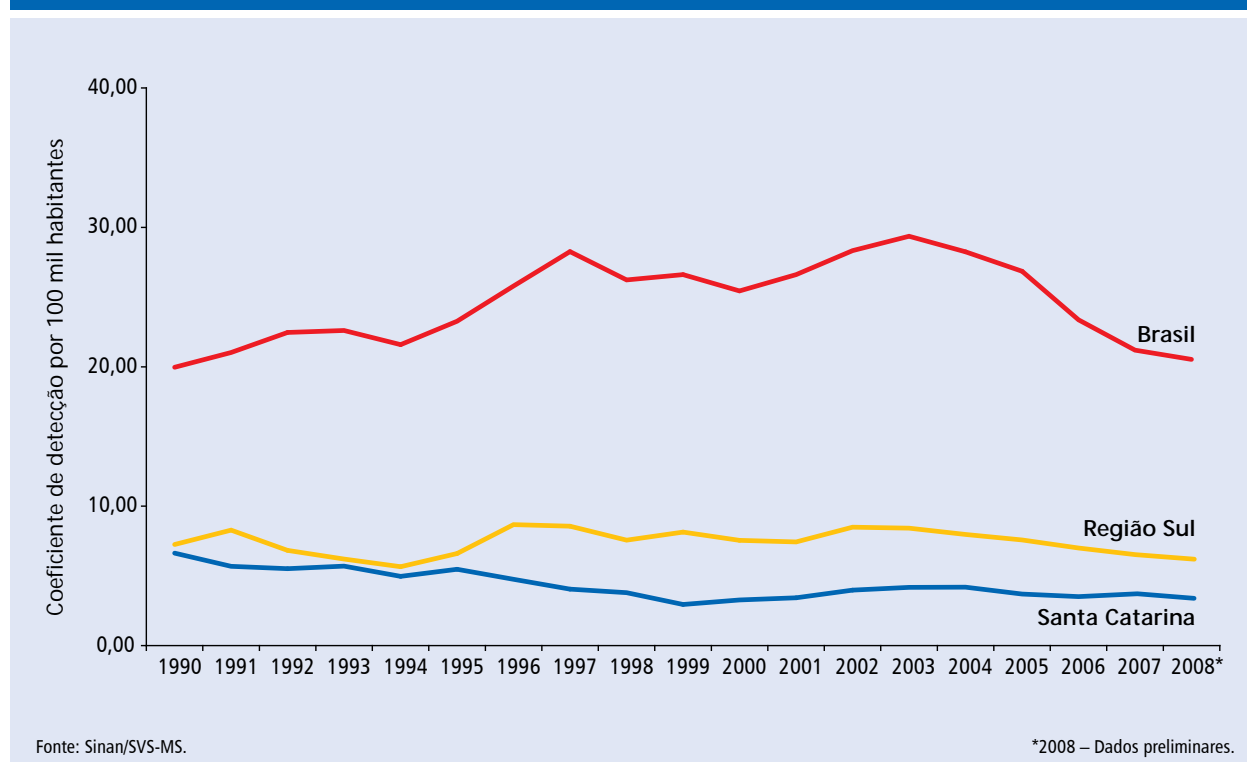
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–



## SANTA CATARINA

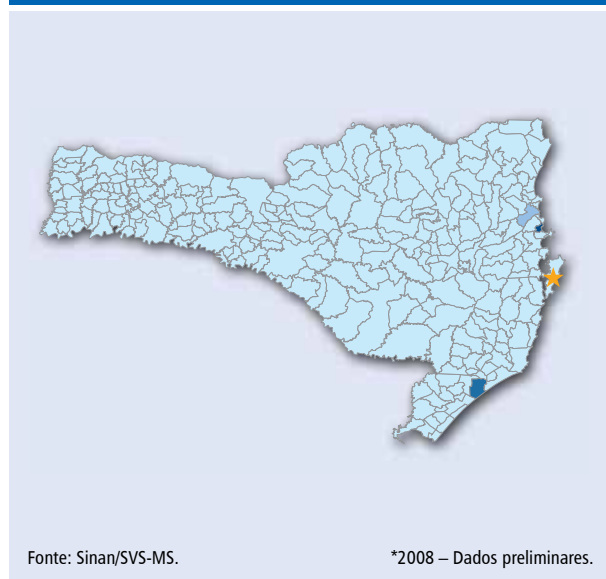
O estado de Santa Catarina, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 6,63/100.000 habitantes em 1991 e 2,94/100.000 habitantes em 1999, apresentando classificação “média”, segundo parâmetros oficiais, muito abaixo da encontrada no Brasil. A região Sul, apresenta coeficientes com valor médio de 7,41/100.000 habitantes, variando de 5,66/100.000 em 1994 e 8,67/100.000 em 1996, tendo classificação “média” no período, não apresentando tendência temporal estatisticamente significativa para o coeficiente de detecção.

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, SANTA CATARINA, REGIÃO SUL E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção do Santa Catarina Grande do Sul nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “baixa” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 03 (1,0%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que os municípios desse estado não estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, SANTA CATARINA, 2008\*.**



- ★ Capital
- Hiperendêmico ( $\geq 10$ )
- Muito alto (5,00 - 9,99)
- Alto (2,50 - 4,99)
- Médio (0,50 - 2,49)
- Baixo (< 0,50)

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 95,2% para o período, considerado “bom”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 3,9% e 15,7%, apresentando classificação de “baixa” para “alta” no período, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 70,3% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 57% de examinados, oscilando entre 33,6% em 2002 e 69% em 2008, mantendo-se com classificação “regular”. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 61,3%, considerado “precário”, oscilando entre 25% em 2002 e 95,3% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, SANTA CATARINA, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coeficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coeficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	3	0,20	187	3,43	95,2	3,9	87,0	77,7	35,0
2002	7	0,45	220	3,98	91,4	8,5	77,8	33,6	25,0
2003	12	0,76	234	4,17	95,3	10,3	53,0	47,2	29,7
2004	7	0,44	238	4,19	97,5	9,5	64,4	56,6	62,5
2005	4	0,24	217	3,70	94,9	7,8	64,9	61,8	68,7
2006	3	0,18	209	3,51	96,7	10,9	70,4	47,7	95,3
2007	6	0,41	219	3,62	93,7	14,5	69,6	62,7	89,0
2008	3	0,21	205	3,39	96,6	15,7	75,5	69,0	85,5

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

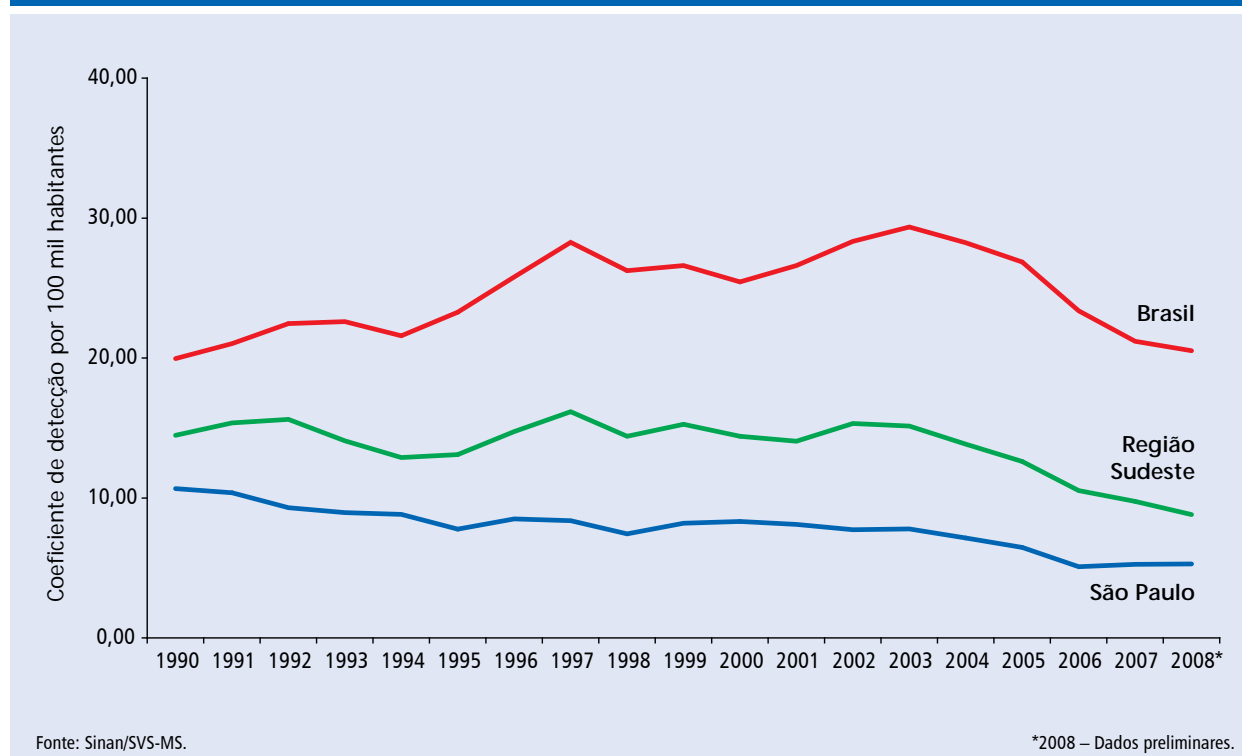
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> < 75,0	<b>Baixo:</b> < 5,0%	<b>Precário:</b> < 50,0	<b>Precário:</b> < 75,0
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> < 0,50/100.000 hab.	<b>Baixo:</b> < 2,00/100.000 hab.	–	–	–	–



## SÃO PAULO

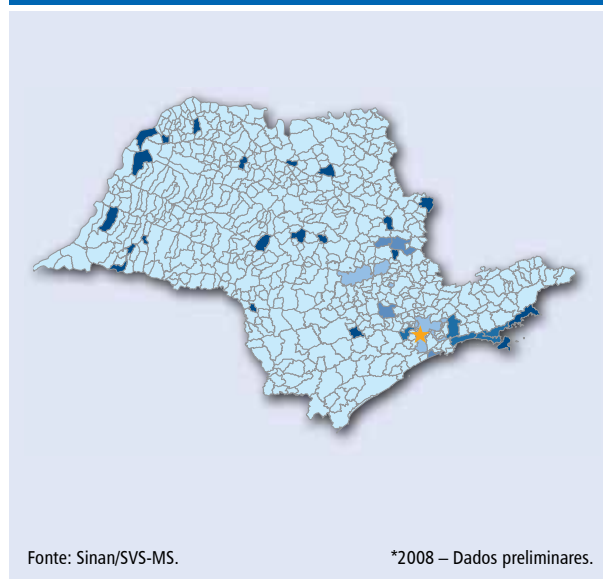
O estado São Paulo, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008, apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 10,67/100.000 habitantes em 1990 e 5,09/100.000 habitantes em 2006, apresentando classificação “média”, segundo parâmetros oficiais, muito abaixo da encontrada para no Brasil. A região Sudeste, apresenta coeficientes com valor médio de 13,71/100.000 habitantes, variando de 16,16/100.000 em 1997 e 8,81/100.000 em 2008, tendo classificação “alta” no período, ainda que tenha tendência decrescente para o coeficiente de detecção.

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, SÃO PAULO, REGIÃO SUDESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção de São Paulo nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “média” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 38 (5,9%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que os municípios desse estado não estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, SÃO PAULO, 2008\*.**



★ Capital  
 ■ Hiperendêmico ( $\geq 10$ )  
 ■ Muito alto (5,00 - 9,99)  
 ■ Alto (2,50 - 4,99)  
 ■ Médio (0,50 - 2,49)  
 ■ Baixo ( $< 0,50$ )

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 88,2% para o período, considerado “regular”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 7,4% e 14,1%, variando a classificação de “média” para “alta”, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 66,4% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 78,3% de examinados, oscilando entre 132,3% em 2001 e 58,7% em 2006, passando da classificação “regular” desde 2006. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 76,6%, considerado “regular”, oscilando entre 58,9% em 2004 e 86,1% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, SÃO PAULO 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coefficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coefficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	100	1,01	3.054	8,12	87,8	7,4	66,3	132,3	81,6
2002	101	1,00	2.949	7,72	88,7	8,1	67,4	80,5	79,8
2003	91	0,89	3.012	7,78	90,1	8,5	65,6	74,3	73,7
2004	98	0,95	2.803	7,14	90,5	8,8	66,3	76,2	58,9
2005	83	0,78	2.612	6,46	90,4	9,7	67,6	74,8	64,5
2006	59	0,54	2.089	5,09	89,2	9,1	64,5	58,7	86,1
2007	83	0,84	2.190	5,26	83,2	14,1	62,2	66,0	84,6
2008	78	0,81	2.168	5,29	85,3	13,0	70,9	63,7	83,6

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–

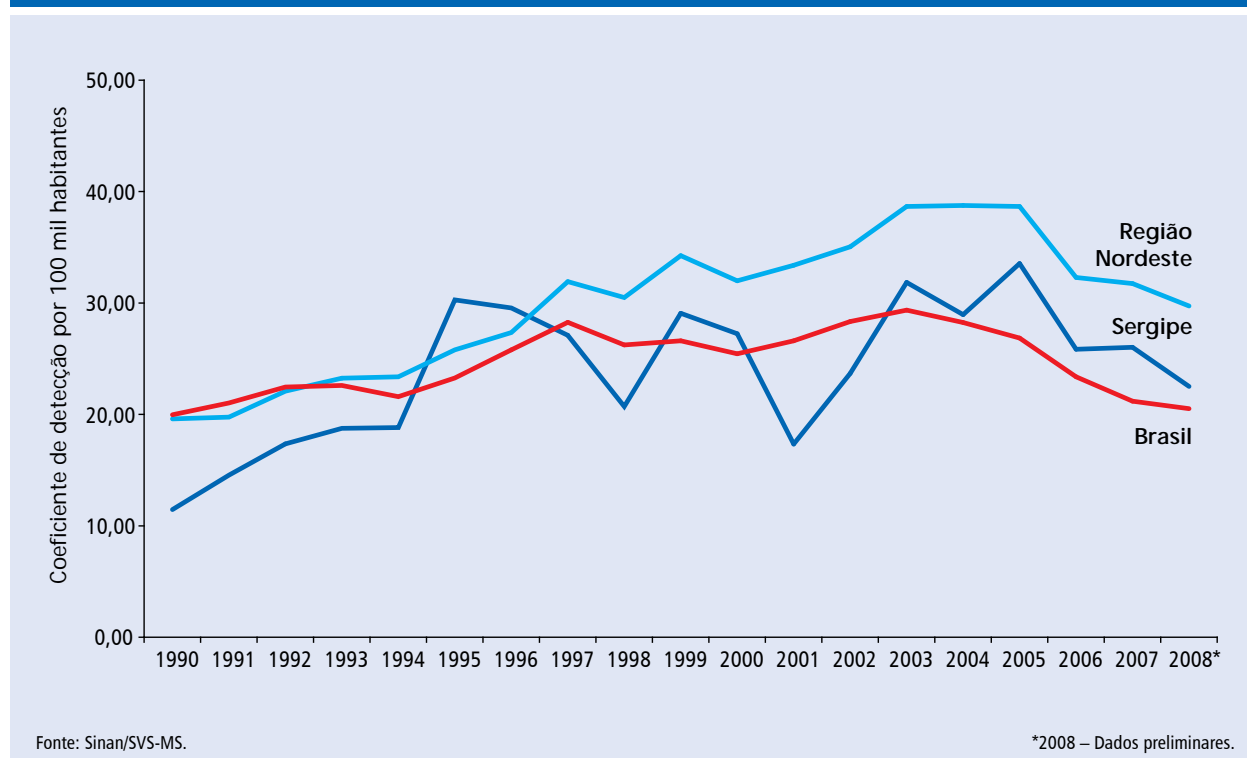




## SERGIPE

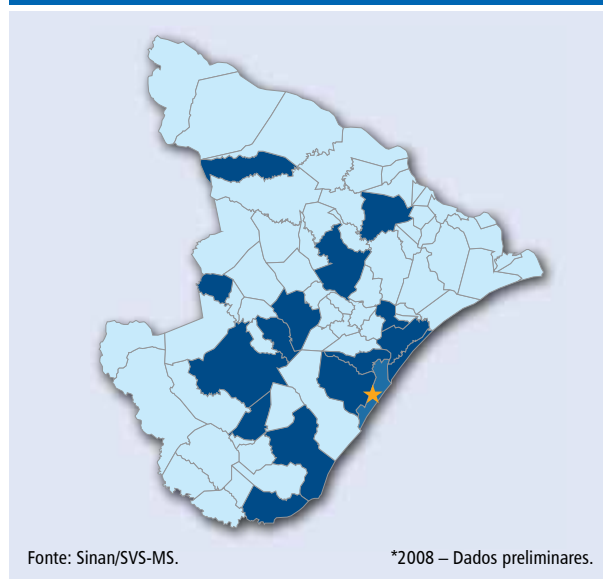
O estado de Sergipe, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente mais tardia, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 11,46/100.000 habitantes em 1990 e 33,54/100.000 habitantes em 2005, apresentando classificação “muito alta”, segundo parâmetros oficiais, maior que a encontrada no Brasil. A região nordeste, apresenta coeficientes com valor médio de 29,90/100.000 habitantes, variando de 19,60/100.000 em 1990 e 38,75/100.000 em 2004, tendo classificação “muito alta” no período, ainda que tenha tendência decrescente no final do período para o coeficiente de detecção.

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, SERGIPE, REGIÃO NORDESTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção de Sergipe nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “muito alta” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 16 (21,3%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, SERGIPE, 2008\*.**



- ★ Capital
- Hiperendêmico ( $\geq 10$ )
- Muito alto (5,00 - 9,99)
- Alto (2,50 - 4,99)
- Médio (0,50 - 2,49)
- Baixo ( $< 0,50$ )

Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 81,5% para o período, considerado “regular”. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 3,4% e 8,5%, apresentando classificação de “baixa” para “média” no período, segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 58,2% de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 61,8% de examinados, oscilando entre 53,3% em 2002 e 68,5% em 2007, mantendo-se com classificação “regular”. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 83,0%, considerado “regular”, oscilando entre 71,4% em 2004 e 91,3% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, SERGIPE, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coeficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coeficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	25	4,12	315	17,33	81,6	5,1	56,7	53,6	85,3
2002	39	6,33	437	23,67	79,9	4,9	55,0	53,3	88,4
2003	51	8,15	597	31,85	83,1	5,6	62,2	65,8	81,8
2004	46	7,24	551	28,95	77,9	6,3	64,7	61,8	71,4
2005	63	9,58	660	33,54	86,1	4,9	53,9	67,1	73,9
2006	42	6,28	517	25,84	85,1	3,4	47,9	62,0	91,3
2007	46	7,50	529	26,02	75,1	6,7	53,2	68,5	87,8
2008	43	7,23	450	22,51	83,6	8,5	71,7	62,0	84,0

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

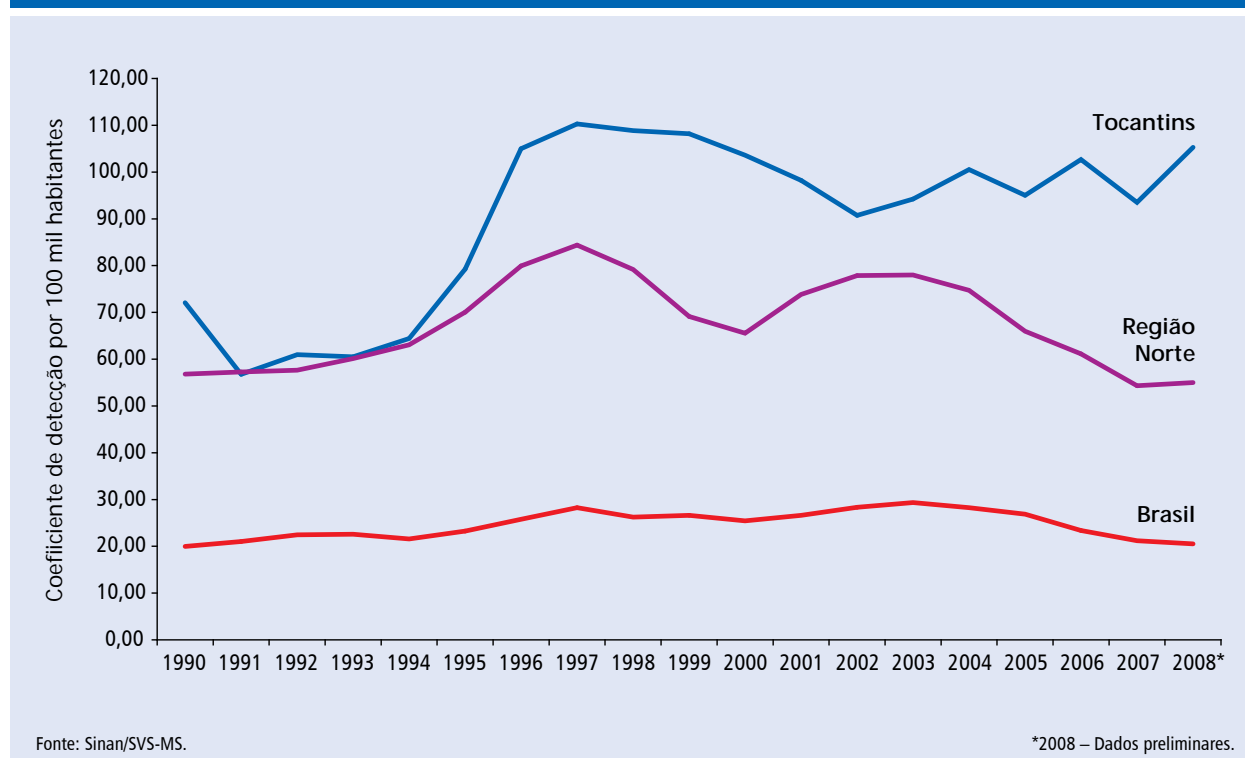
COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–



## TOCANTINS

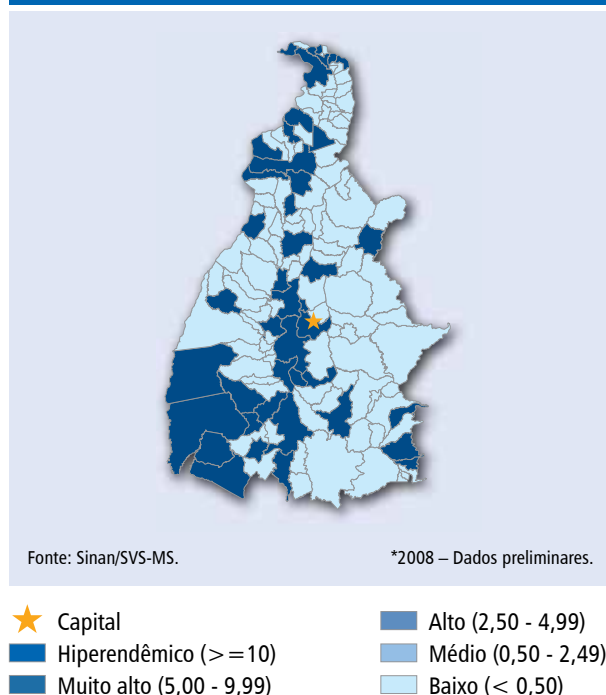
O estado de Tocantins, segundo estudo de tendência realizado por Penna, 2008 (<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/postertrend.pdf>), apresenta tendência decrescente, estatisticamente significativa no tempo para as séries temporais de coeficientes de detecção. Entretanto, no período de 1990 a 2008, esse coeficiente oscilou entre 56,75/100.000 habitantes em 1991 e 110,29/100.000 habitantes em 1997, apresentando classificação “hiperendêmica”, segundo parâmetros oficiais, muito acima da encontrada no Brasil. A região Norte, apresenta coeficientes com valor médio de 67,57/100.000 habitantes, tendo classificação hiperendêmica, variando de 84,40/100.000 em 1997 e 54,34/100.000 em 2007, no período, ainda que tenha tendência decrescente para o coeficiente de detecção.

GRÁFICO 1. COEFICIENTE DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE NA POPULAÇÃO GERAL, TOCANTINS, REGIÃO NORTE E BRASIL, 1990 A 2008\*.



A redução de casos em menores de 15 anos é prioridade do PNCH, sendo o indicador da hanseníase no PAC - Mais Saúde. A detecção de casos nessa faixa etária tem relação com doença recente e focos de transmissão ativos e seu acompanhamento epidemiológico é relevante para o controle da hanseníase (Brasil, 2008). O coeficiente de detecção de Tocantins nessa faixa etária, no período de 2001 a 2008, apresentou classificação “hiperendêmico” (tabela 1). A distribuição espacial dos casos em menores de 15 anos, em 2008 demonstra que houve notificação de crianças em 43 (30,9%) municípios do estado, que estão cercados por áreas silenciosas ou sem casos. Vale salientar que municípios desse estado estão inseridos nas dez áreas de maior risco de detecção de casos de hanseníase, definidos pelo estudo de *clusters*.

**FIGURA 1. DISTRIBUIÇÃO DOS COEFICIENTES DE DETECÇÃO DE HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS POR MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA, TOCANTINS, 2008\*.**



Dos parâmetros inseridos na Programação de Ações Prioritárias de Vigilância em Saúde – PAVS observa-se que a média do percentual de avaliados quanto ao grau de incapacidade física (GIF) no diagnóstico foi 87,5% para o período, considerado regular. O GIF 2, importante indicador de detecção precoce, oscilou entre 3,5% e 8,9%, apresentando classificação, de “baixa” para “média” segundo parâmetros. A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” no período, com média de 54,3 % de avaliados.

A proporção de contatos examinados apresenta média de 58,1% de examinados, oscilando entre 43,7% em 2003 e 74,8% em 2007, mantendo-se com classificação “regular” desde 2004. O percentual de cura nas coortes apresentou média de 72,6%, considerado “precário”, oscilando entre 51,5% em 2003 e 93,4% em 2006. Vale salientar que o resultado desse indicador é fortemente influenciado por fatores relacionados à atualização do acompanhamento do paciente do Sinan.

**TABELA 1. INDICADORES EPIDEMIOLÓGICOS E OPERACIONAIS DE HANSENÍASE, TOCANTINS, 2001 A 2008\*.**

Indicadores / Ano	Casos Novos 0 - 14 anos	Coeficiente Detecção 0 - 14 anos por 100 mil habitantes	Casos Novos Geral	Coeficiente Detecção Geral por 100 mil habitantes	% de avaliados quanto ao GIF no diagnóstico	% de pacientes com GIF 2 no diagnóstico	% de Avaliados quanto ao GIF na cura	% de Contatos Examinados	% de cura nas coortes
2001	110	26,38	1.164	98,24	85,1	3,5	54,0	51,6	68,8
2002	91	21,43	1.095	90,72	87,2	4,5	48,2	46,8	60,0
2003	112	25,89	1.159	94,21	85,4	4,6	54,3	43,7	51,5
2004	103	23,38	1.260	100,54	86,0	5,4	52,3	53,0	68,8
2005	114	24,85	1.241	95,04	87,3	5,2	50,3	61,1	75,1
2006	116	24,79	1.368	102,67	90,5	3,9	46,0	65,5	93,4
2007	115	27,32	1.271	93,53	89,8	8,9	60,6	74,8	84,5
2008	123	31,62	1.348	105,27	88,7	4,5	69,4	68,6	79,1

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*2008 – Dados preliminares.

#### PARÂMETROS

COEFICIENTE DE DETECÇÃO EM < 15 ANOS	COEFICIENTE DE DETECÇÃO POP. GERAL	% DE AVALIAÇÃO DE INCAPACIDADES FÍSICAS	% DE GRAU 2 DE INCAPACIDADE FÍSICA	% DE CONTATOS EXAMINADOS	% DE CURA NAS COORTES
<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 10,00/100.000$ hab.	<b>Hiperendêmico:</b> $\geq 40,00/100.000$ hab.	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$	<b>Alto:</b> $\geq 10,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 75,0\%$	<b>Bom:</b> $\geq 90,0\%$
<b>Muito Alto:</b> 5,00 a 9,99/100.00 hab.	<b>Muito Alto:</b> 20,00 a 39,99/100.000 hab.	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%	<b>Médio:</b> 5,0 a 9,9%	<b>Regular:</b> 50,0 a 74,9%	<b>Regular:</b> 75,0 a 89,9%
<b>Alto:</b> 2,50 a 4,99/100.000 hab.	<b>Alto:</b> 10,00 a 19,99/100.000 hab.	<b>Precário:</b> $< 75,0$	<b>Baixo:</b> $< 5,0\%$	<b>Precário:</b> $< 50,0$	<b>Precário:</b> $< 75,0$
<b>Médio:</b> 0,50 a 2,49/100.000 hab.	<b>Médio:</b> 2,00 a 9,99/100.000 hab.	–	–	–	–
<b>Baixo:</b> $< 0,50/100.000$ hab.	<b>Baixo:</b> $< 2,00/100.000$ hab.	–	–	–	–







APOIO



Disque Saúde  
0800 61 1997

Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde  
[www.saude.gov.br/bvs](http://www.saude.gov.br/bvs)

Secretaria de Vigilância em Saúde  
[www.saude.gov.br/svs](http://www.saude.gov.br/svs)



Secretaria de  
Vigilância em Saúde

Ministério  
da Saúde

